

Com sua carga de automóveis "jeeps", caminhões, ambulâncias e seus motoristas, essa moderna chata de desembarque das forças dos EE.UU. segue com rumo a uma praia



EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 12



CHEGA A HORA DA REDEÇÃO DA EUROPA

MAIS do que uma luta para ganhar terreno estava em jogo nas batalhas da França. Para milhões de franceses, e para milhões de habitantes de outras nações da Europa que esperavam a sua vez, foi o raiar da ansiada liberdade. Durante mais de quatro longos anos de terror, êsses povos esperaram, sofrendo sob o péso da execranda opressão nazista. Mas o espírito de liberdade nêles nunca se abateu; pelo contrário, adquiriu uma nova significação, um valor novo e mais elevado. A guerra de movimento que começou nas praias da França acendeu mais ainda a chama da liberdade, tornando-a cada vez mais radiante à medida que foram se expandindo as áreas libertadas. Para os provos arrancados ao mísero cativeiro nazista apresentou-se então a grande oportunidade de começar vida nova, de reconstruir e trabalhar para os mais elevados objetivos.

A libertação foi levada a efeito com o mesmo tipo de armas usadas barbaramente pelos invasores nazistas que aterrizararam e massacraram aqueles que defendiam o solo sagrado da pátria. Mas agora, eram armas em quantidade que os alemães não possuíam e estavam nas mãos de homens que lutavam por uma causa nobre — a causa da liberdade.

Os grandes exércitos nazistas que derrotaram as tropas francesas e as forças expedicionárias britânicas, em 1940, alcançaram uma vitória. Mas foi apenas uma vitória da força, vitória efêmera, porque o nazismo não pôde compreender a impossibilidade de subjugar para sempre uma nação livre, extinguindo sua liberdade e escravizando seu povo.

Inúmeros foram os franceses que, extremados na defesa da pátria, se recusaram a ceder terreno e morreram num supremo sacrifício, contribuindo assim para manter vivo o espírito de liberdade. Mesmo em face da morte e da tortura, milhares de patriotas mantiveram-se em constante atividade subterrânea, prosseguindo confiantemente na luta que, um dia, haveria de reerguer a França. Seus heróis viveram envoltos em mistério e muitos morreram obscuramente, deixando escapar, no último alento, mais um voto pela ansiada libertação.

Esta chegou finalmente, quasi quatro anos depois de terem as desbaratadas forças britânicas na França conseguido escapar para a Inglaterra, depois da trágica retirada de Dunquerque. E agora chegou para os nazistas a vez de conhecer o pavor, da espécie que êles causaram às indefesas populações civis e às próprias forças militares.

As forças da libertação, americanas e inglesas, enfrentaram anos de custosa preparação antes de invadirem as costas da França. Ataques aéreos realizados durante meses seguidos contra as indústrias de guerra alemãs serviram para enfraquecer a sua produção e para reduzir consideravelmente a eficiência da arma aérea nazista.

Tais assaltos produziram os melhores resultados. Quando chegou o dia da libertação, 4.000 navios aliados puderam atravessar o canal da Mancha, encontrando apenas uma fraca oposição da outrora poderosa aviação alemã ou dos submarinos que infestavam os mares. Os poucos aviões ou navios alemães que apareceram foram destruídos ou obrigados a procurar refúgio, em face da decisiva ação dos aviões aliados.

Não obstante, uma vez em terra, os aliados puderam verificar que a batalha da libertação não era fácil. Custou-lhes oito sema-

(Continúa)

Passando por destroços das divisões blindadas alemãs, a infantaria dos Estados Unidos atravessa uma estrada, na sua avançada na França

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corp. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A. Classificada como impresso de segunda classe na Re-partição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos de América, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano III, Número 12.



Livres da apressão nazista, depois de quatro anos, os habitantes de Le Mans, no Norte da França, saudam efusivamente os soldados americanos libertadores

nas de intensa luta e mais de 115.000 baixas para perfurar a "muralha do Atlântico", para estabelecer suas cabeças de ponte e reforçá-las convenientemente na península normanda.

Mesmo então, esse tremendo esforço foi apenas o prelúdio da formidável campanha na França. Tanques, armas e munições foram chegando continuamente aos pontos recapturados no litoral, até ser acumulada enorme quantidade de material bélico. Quando isso se verificou, começou então a avançada, a luta encarniçada para capturar quilômetros e quilômetros de terreno dominado pelo inimigo.

O tenente-general Omar N. Bradley, comandante das forças combatentes dos Estados Unidos na França, declarou que logo que tivessem três horas de bom tempo de vôo, suas forças atravessariam a Normândia. No dia 25 de julho, chegou, finalmente, o bom tempo. Dois mil aviões americanos aproveitaram a ansiada oportunidade para bombardear as forças nazistas, cortando suas linhas de comunicações e de transportes, e infligindo-lhes perdas vultuosas, de homens e de material bélico.

Como uma caudal imensa, tanques e tropas norte-americanas avançaram pela brecha feita no setor de St. Lo. Uma formidável coluna prosseguiu, atravessando a Bretanha, até a baía de

Biscáia, em quatro dias. Outra coluna avançou para o oeste, alcançando o extremo da península bretanha. Outras forças seguiram em direção ao rio Loire, penetrando o setor de Brest e se aproximando de todos os outros portos importantes da Bretanha. E a leste e ao norte, investiu outra força para cortar a retirada de milhares de combatentes nazistas.

Ofensiva fulminante

Enquanto isso, ingleses e canadenses estavam a braços com a resistência de um exército alemão em Caen, a leste da península normanda. Mas não tardou que conseguissem vencer a resistência do inimigo, e avançassem para fazer sua ligação com as tropas americanas, afim de cortar a retirada do Sétimo Exército nazista, um dos conjuntos mais poderosos jamais postos num campo de batalha.

Assim, três semanas depois da avançada na Normândia, as forças da libertação tinham eliminado os centros de concentração de submarinos alemães ao longo da costa da Bretanha, e reduzido quasi à metade as forças alemãs no oeste, apressando assim a queda da Alemanha de Hitler.

Milhares de aviões aliados continuavam a encontrar insignificante oposição ao seu contínuo

ataque contras as tropas inimigas, destruindo trens, caminhões, tanques, munições, e abastecimentos de toda sorte.

A artilharia dos aliados atacava sistematicamente os pontos por onde o inimigo pudesse escapar. E as forças que, em superioridade numérica tão grande, tinham avançado, quatro anos antes, pela França a dentro, estavam agora co nhecendo os efeitos do seu afamado "Blitzkrieg" — às avessas.

Diante dessa dura realidade, os alemães começaram a se render aos centenares, muitos deles visivelmente pasmados em face da inacreditável quantidade de material bélico que os aliados dispunham para manter sem solução de continuidade a sua memorável ofensiva.

Dias depois, outra força da libertação lançou o ataque. Por mar e pelo ar, tropas veteranas francesas, americanas e inglesas, invadiam o sul da França, na costa do Mediterrâneo.

Só então foi o povo da França informado, pela primeira vez, de que uma de suas próprias divisões blindadas estava lutando lado a lado com as tropas dos Estados Unidos e da Inglaterra. Sob o comando do general de brigada Jacques Leclerc, lendário herói da tremenda campanha do deserto, no África, em 1941 e 1942. Foi também então que o Comitê Francês de

(Continúa)

Prontos para embarcarem para invadir a França, pelo sul, esses soldados norte-americanos repousam, aguardando ordens, numa praia da Riviera italiana





Uma francesa ao ser trazida de volta à sua casa, num auto-caminhão, por soldados norte-americanos



Capturados pelas tropas de numa divisão blindada norte-americana, durante o avanço dos aliados na França, esses outrora arrogantes oficiais das "tropas de elite" de Hitler, aguardam condução, para serem internados. Em baixo: um soldado alemão empunhando a bandeira branca enquanto seus companheiros se apressam em render-se, perto de Toulon, por ocasião do assalto dos aliados contra o sul da França



Para esses nazistas a guerra já cessou. São parte de um grupo de 2.000 combatentes que se renderam às forças dos E.E.U.U., na batalha de Avranches. Tal como milhares de outros prisioneiros, serão internados

Libertação Nacional, do general Charles de Gaulle, apelou para todos os franceses para que lutassem pela liberdade, insurgindo-se, como um só homem, contra a dominação nazista. "Sôa a hora da libertação," declarou o comitê. "Não tarda a ser desferido o último golpe!"

Os franceses esperaram longamente pelo momento propício para lutar pela sua liberdade dentro de sua própria pátria. Qualquer levante prematuro teria sido uma carnificina inútil. Mas agora, a situação tinha mudado, e os franceses já podiam atacar, com sucesso, não somente nas frentes de batalha, como em toda a França.

A despeito de suas desastrosas derrotas na França e na Rússia, os exércitos alemães ainda constituíam uma poderosa força de combate, quando chegou, para os franceses, a hora da libertação. Mas dominados pelo espírito da vitória, começaram a atacar seus opressores, e os líderes nazistas se certificaram de que, noutras partes da Europa — na Bélgica, na Holanda, na Polônia, na Grécia, na Noruega, na Dinamarca e noutras nações dominadas pelo nazismo, também se aguardava o soar da hora da libertação.

Com um capacete emprestado, o Gen. K. Spang, comandante duma divisão alemã, segue prisioneiro



O Tte.-Gen. G. S. Patton, comandante do Terceiro Exército dos E.E.U.U., com os jornalistas, na França



Livre do controle alemão, a imprensa francesa ressurge. Vê-se na gravura um exemplar da primeira edição de "La Presse Cherbougeoise," publicada em Cherburgo, logo após a expulsão dos alemães

Numa das estradas de Coutances, na França: da carroça na qual retorna ao seu lar, uma família, composta de três gerações, aplaude entusiasticamente as tropas norte-americanas que prosseguem avançando



RESPIRA-SE NOVAMENTE, EM PARIS, O AR DA LIBERDADE

DURANTE quatro longos anos Paris suportou silenciosa e estoicamente a opressão e o isolamento. O mundo exterior jamais pôde medir a magnitude do seu sofrimento físico e moral. Em raras ocasiões, por condutos clandestinos ou pelo relato de franceses que logravam escapar ao jugo nazista, se percebia alguns dos indícios inquietantes do martírio. Mas esses indícios, por ligeiros que fossem, davam uma idéia da verdadeira natureza da "nova ordem" que Hitler tentou estabelecer. Paris, a Cidade Luz, era a Cidade das Trevas. Seu colapso parecia ser de tal gravidade que dava a impressão de que a derrota tinha extirpado, para sempre, todo o desejo de vida e de liberdade, esses atributos tão expressivos de um povo e, pelos quais, os parisienses se tornaram justamente famosos.

Mas a grande capital, e com ela todo o mundo, esperavam pacientemente a hora da libertação, a hora de ver novamente a tradicional Paris, livre e sorridente, a surgir mais uma vez das trevas. O mundo verificou, afinal, que o espírito de liberdade jamais se extinguiu em Paris ou na França; submergiu apenas, temporariamente, por quatro anos de ocupação inimiga. Mas, logo à primeira oportunidade, se transbordou para romper os grilhões do jugo nazista, demonstrando que o francês está sempre disposto a lutar até à morte pela liberdade. Ao aproximarem-se as forças aliadas e francesas que, com rapidez nunca vista, avançavam levando, com maior segurança, a promessa inescapável da liberdade, os parisienses se rebelaram contra seus opressores nazistas, e nas ruas da grande cidade retumbou o fragor da metralha em defesa da Liberdade.

Esse espírito ardoroso ainda vive em Paris, a capital que, durante séculos, tem simbolizado o amor ao progresso e à liberdade. Os estragos da guerra e do longo período de ocupação inimiga



A sombra das torres da Nôtre Dame de Paris jovens parisienses dão as boas-vindas às tropas norte-americanas que ajudaram a libertar a grande capital

Há quatro anos, o Arco do Triunfo desfraldava a suástica nazista. Hoje, com Paris libertada, ali desfralda novamente o glorioso pavilhão tricolor francês →

Aclamado pela massa popular, o Gen. de Gaulle, conforme prometia nas horas negras da adversidade, reentra em Paris, passando sob o Arco do Triunfo





Os chefes militares aliados em Paris. Da esq. para a dir.: General Dwight Eisenhower, supremo comandante; Tte.-Gen. Joseph Pierre Koenig, governador militar francês de Paris; Tte.-Gen. Omar Bradley, comandante das forças terrestres dos E.E.U.U. no Norte da França, e o Marechal Sir Arthur Tedder, chefe da Força Aérea Britânica, e segundo supremo comandante aliado



O trágico reverso da medalha em Paris: acovardados, rendendo-se incondicionalmente aos heróicos parisienses, depois de inútil resistência, esses oficiais do exército alemão eram, até poucas horas antes, os prepotentes dominadores da capital francesa



Muitas horas decorreram depois das primeiras notícias da libertação de Paris, antes que a cidade ficasse completamente livre dos atraidores de tócia. Vemos na gravura acima uma das celebrações sendo brutalmente interrompida pelo frotório dos alemães. Outras celebrações, entretanto, como a que se vê na gravura em baixo, transcorreram sem maiores incidentes



ainda estão visíveis, mas hoje os franceses pisam novamente as ruas como homens livres e trabalham para o futuro de uma França ainda mais brilhante; passam pelo Arco do Triunfo, se descobrem ante a chama que arde no túmulo de Soldado Desconhecido e se detêm nos cafés dos Campos Elíseos sem ter que se acotovelar com os odiados e arrogantes oficiais alemães. Uma vez mais podem orar livremente na vetusta Nôtre Dame ou na imponente Madalena; podem admirar de cabeça erguida os monumentos e as estátuas que atestam o grandioso passado da França, e visitar, reverentes, o túmulo de Napoleão, nos Inválidos, o mesmo túmulo que Hitler também visitou com toda a pompa de um conquistador, em 1940.

Todo o mundo antifascista se regosija com a libertação de Paris. No continente americano, como em toda parte, o acontecimento teve uma significação tão profunda que sobrepujou a sua imensa importância como um triunfo militar.

Símbolo eterno

O Presidente Roosevelt assim definiu o extraordinário acontecimento: "O regosijo que inundou o coração de todos os seres humanos ao ter-se a notícia da libertação de Paris, só pode medir-se com a tristeza que, num dia aziago, há quatro anos, causou o fato de haverem as forças alemãs ocupado a capital de França, e ainda a circunstância de que, apesar dos triunfos cada vez maiores dos aliados, essa tristeza só agora pôde ser dissipada. Era um pezar que Paris inspirava por ser o símbolo precioso da civilização que Hitler e seus sequazes se empenhavam em destruir. E hoje, compartilhando com o heróico povo francês da alegria causada pela libertação da sua capital, nos reunimos ao côro de congratulações apresentadas aos combatentes franceses e aliados aos quais se deve esse brilhante preságio da vitória total."

Para os soldados dos Estados Unidos e de outras nações aliadas que formam o exército libertador, a entrada em Paris, para expulsar o insolente intruso, não podia deixar de ter uma grande significação histórica e moral, por isso que Paris simboliza a própria causa que justifica a luta. Dentre seus libertadores, todos os que conheceram e amaram Paris de outros tempos, não puderam conter as lágrimas, emocionados diante daquele espetáculo do triunfo da resistência sobre as forças do apróbio e da escravidão.

Paris livre! Paris tão amada por suas virtudes que seus defeitos são olvidados! Paris celebrizada por tantos artistas, escritores, cientistas, músicos e filósofos que souberam dar exemplo dos maiores sacrifícios pessoais para legar à humanidade algumas das maiores criações do espírito e da inteligência humana. Paris, o berço da própria liberdade!



Sua Santidade o Papa Pio XII recebendo, com característica afabilidade, dois oficiais do Exército americano. Em baixo: o Tte.-Gen. Mark W. Clark (à esq.), comandante do Quinto Exército dos E.E.U.U., e o Maj.-Gen. A. M. Guenther (à dir.), chefe do estado maior do Quinto Exército, ao deixarem o Vaticano acompanhados do Monsenhor Walter Carroll, representante dos E.E.U.U. junto ao Secretário de Estado do Vaticano, depois de terem sido recebidos em audiência especial



ROMA JÁ ESTÁ LONGE DAS BATALHAS

A CIDADE ETERNA, que, há séculos, tem sofrido, mas sempre sobrevivido à pilhagem e à destruição periódica de vândalos e de bárbaros, está, mais uma vez reganhando a sua proverbial dignidade, à medida que a guerra, na Itália, se afasta cada vez mais para o norte. Com a ajuda dos aliados, Roma, que durante 22 longos anos foi o foco do nefasto fascismo, está se recuperando da corrupção moral de um regime. E o espírito de um grande povo, que se aniquilava sob a dominação alemã, está se elevando novamente com a gradativa restauração dos princípios democráticos.

Uma das maiores tarefas do governo militar aliado tem sido satisfazer as necessidades elementares de subsistência do povo romano, fornecendo-lhe alimentos e vestuário. Mas as tropas aliadas, na Itália, também têm se refeito de uma necessidade espiritual, simbolizada pelos rosários e medalhas ofertadas pelo Vaticano. Mais de cinquenta mil foram distribuídos entre os combatentes aliados, a caminho do "front" italiano, por Sua Santidade o Papa Pio XII, durante um período de dezessete dias.



O REGRESSO A GUAM



Tanques anfíbios conduzindo as tropas que recapturaram a ilha de Guam, a primeira possessão dos E.E.U.U. a ser tomada pelos japoneses, depois do ataque de Pearl Harbor. Em baixo: o Contra-Almirante Richard L. Conolly, dirigindo o assalto



A pequena guarnição de tropas dos Estados Unidos estacionada na ilha de Guam sabia que o fim estava próximo. Os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor, poucos dias antes, e agora estavam atacando as ilhas Filipinas e a pequenina ilha de Wake. A guarnição de Guam, composta de uns 500 marinheiros e fuzileiros navais, já havia resistido a quatro ataques aéreos e a um bombardeio naval dos japoneses. Os aviões da guarnição tinham até afundado um cruzador ligeiro e um destróier do inimigo.

Mas a guarnição dispunha somente de armas ligeiras e sabia que não podia receber reforços imediatos; e que todas as forças militares disponíveis dos Estados Unidos eram necessárias em dezenas de outros pontos na zona de guerra no Pacífico. Sabia também que o tempo estava passando, e que os japoneses contavam com uma poderosa esquadra, com numerosos aviões e com bastante tropa de desembarque. Não obstante, a heróica guarnição continuou resistindo.

Era em 10 de dezembro de 1941. Em Pearl Harbor, a mais de 3.300 milhas a oeste, removia-se os destroços causados pelas bombas japonesas: E ali, pelo rádio, receberam uma mensagem da sitiada Guam. As tropas japonesas estavam invadindo a ilha, afirmava o comandante George J. McMillin, governador naval de Guam; os aviões inimigos estavam bombardeando e

metralhando os defensores. Essa foi a última mensagem de Guam. Durante mais de dois anos e meio permaneceu envolta em profundo silêncio. Finalmente, em 25 de julho último, ouvia-se:

“Notícias do rádio de Guam,” informava a mensagem dirigida a Pearl Harbor. “Desde 1941 que não temos tido notícias daí. Saudações.”

As tropas dos Estados Unidos tinham regressado. No período decorrido entre a queda e a recaptura de Guam, que é um importante ponto de ligação nas linhas de abastecimentos dos norte-americanos, no Extremo Oriente, a sorte dos aliados, no Pacífico, tinha ido de mal a pior; mas pouco a pouco, foi melhorando consideravelmente. A guerra, dia a dia, aproximava-se novamente de Guam. Poderosas forças norte-americanas acercaram-se primeiro da ilha de Saipan, no arquipélago das Marianas, destruíram os aeródromos e fortificações do inimigo e recapturaram a ilha. Depois, ocuparam a ilha de Tinian e, por fim, a de Guam.

Essa ilha, a maior e a mais ao sul do grupo das Marianas, mede 20 quilômetros de extensão por 7 de largura. Está situada a 1.353 milhas do Japão e a 10 horas de avião, de Tóquio. Foi adquirida pelos Estados Unidos ao encerrar-se a guerra hispano-americana, em 1898, tendo sido transformada em base naval. Foi a única, das Marianas, excluída do mandato japonês, depois da primeira guerra mundial.

Tratados como escravos

Quando Guam caiu em poder dos japoneses, nos trágicos primeiros dias da guerra no Pacífico, os sobreviventes da guarnição foram feitos prisioneiros e a sua população de 25.000 habitantes, os Chamorros, leais aos Estados Unidos, passaram a ser verdadeiros escravos dos invasores. Um deles, Thomas Tajalle, de 32 anos, relatou, mais tarde, que os japoneses tinham conservado todos como prisioneiros até 1 de fevereiro de 1942 e, depois, obrigaram todos os habitantes, de oito a 60 anos, a trabalhar nas plantações de arroz e nas hortas, na descarga de navios e, finalmente, na construção de trincheiras e de aeródromos e na descarga de munição.

“Os japoneses nos trataram muito mal e nos obrigaram a trabalhar como escravos,” disse Tajalle. “Apoderaram-se de todos os nossos

mantimentos, bananas, batata doce e arroz. Faziam-nos trabalhar, mesmo quando estávamos doentes. E diziam sempre que nunca mais esperassemos a volta de tropas dos Estados Unidos. Mas nenhum de nós acreditou.”

A fé de Tajalle e dos demais ficou plenamente justificada. Na chuvosa manhã do dia 25 de julho, os Chamorros, assim como as tropas japonesas, tiveram a surpresa de ver ao largo da península de Orote, em Guam, a maior parte da Quinta Esquadra e numerosos navios do Terceiro Comando Anfíbio, dos Estados Unidos.

Que os japoneses tinham se preparado em Guam para tornar a ilha um dos pontos vitais na órbita da defesa avançada do império, ficou provado pelo tipo de fortificações subterrâneas encontradas pelos americanos. Mas contra a tática que estes empregaram, dispondo, como dispunham, de poderosas forças de mar, do ar e anfíbias, nada houve que pudesse alterar o plano de recapturar a ilha, logo na primeira investida, a despeito de toda a resistência.

Perdendo, uma por uma, as ilhas que ocuparam imediatamente ao romper das hostilidades e durante sua rápida ofensiva pela área do Pacífico, os japoneses já começam a sentir que as grandes distâncias não mais constituem um óbice, a retardar a sua inescapável derrota. Por isso, a recaptura de Guam, pelas forças dos Estados Unidos, tem uma significação especial.



Uma vez na praia, os fuzileiros navais se acobertam contra o mortífero fogo das metralhadoras e da artilharia dos japoneses. Em baixo: um fuzileiro ferido é ajudado por seus companheiros, que o conduzem para um dos postos de primeiros socorros estabelecidos na retaguarda da linha de fogo





ECONOMIAS EM EXPORTAÇÃO



Como diretor do Escritório do Tabelamento de Preços, Chester Bowles tem uma das tarefas mais árduas e mais importantes

O Escritório do Tabelamento de Preços publica vários diagramas, como esse que se vê na gravura. Os preços por atacado de todas as mercadorias, nos Estados Unidos, têm aumentado ligeiramente durante a presente guerra, em comparação com a alta que tiveram durante a guerra anterior. A regulação de preços também tem sido um controle que beneficia as mercadorias de exportação

A TERCEIRA Reunião de Consulta dos Ministros de Exterior, realizada no Rio de Janeiro, em 1942, numa de suas resoluções, reconheceu a imperiosa necessidade da cooperação interamericana através de medidas atinentes a refrear a alta dos preços causada pela guerra. Desde então, a campanha contra a inflação tem encontrado variado sucesso. Enquanto que, nos Estados Unidos, por exemplo, o custo de vida tem sofrido um aumento de 25 por cento, aproximadamente, em comparação com o nível verificado em 1939, em alguns países da América Central e do Sul, a alta tem variado entre 50 e 100 por cento.

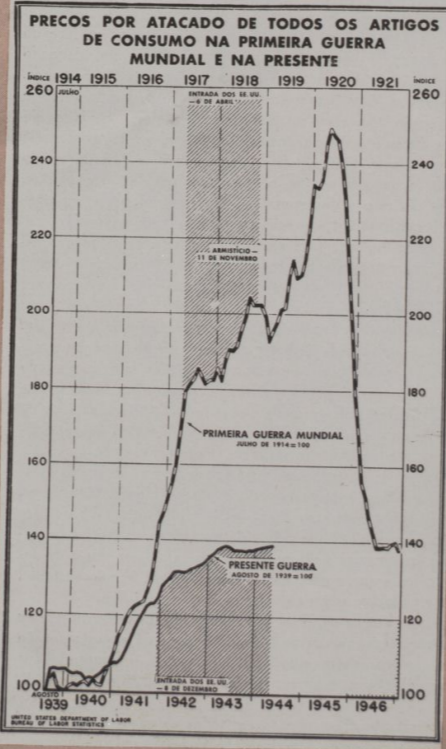
Entretanto, o comércio de importação desses países tem sido beneficiado com reduções consideráveis no custo de mercadorias recebidas do mercado norte-americano. É uma economia que se deve, essencialmente, às medidas de controle postas em execução pelo governo dos Estados Unidos, de conformidade com a resolução da conferência do Rio de Janeiro.

Tais medidas tendem, de um modo geral, a impedir que os preços de exportação, nos Estados Unidos, excedam os preços das mercadorias por atacado no mercado interno, preços que, por sua vez, também estão sob o controle oficial.

Chester Bowles, director do Escritório do Tabelamento de Preços, esclarece planamente a situação quando afirma que "os pedidos de licença de exportação feitos pelos fabricantes não serão atendidos sempre que o respectivo preço exceder o limite estipulado no tabelamento, acrescido das despesas de exportação e da comissão que, de praxe, couber ao agente."

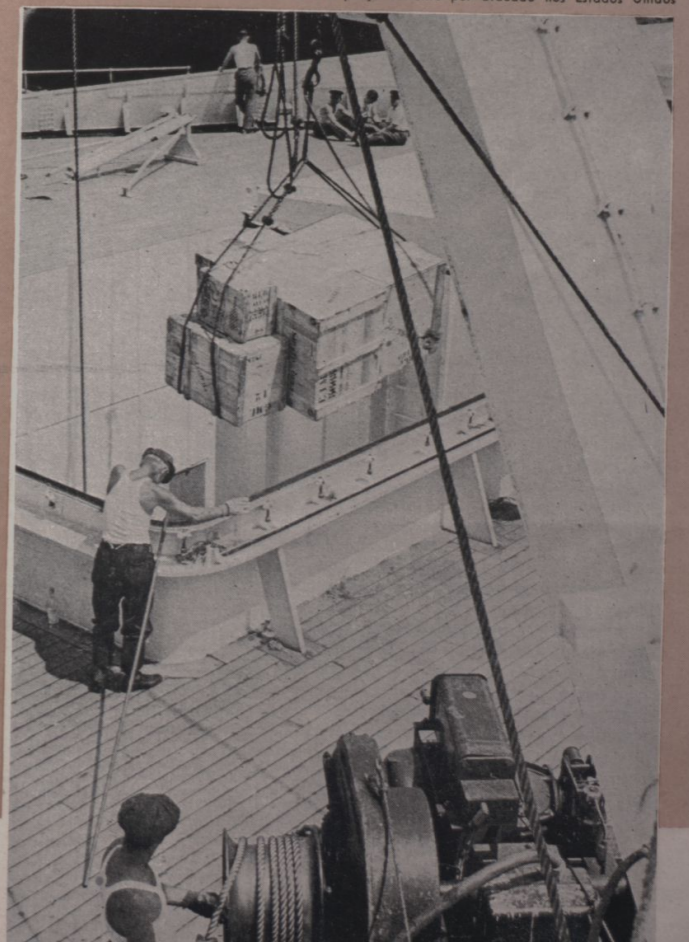
Quando se realizou a conferência do Rio, os preços de exportação já estavam numa alta estimada em 32 por cento. Mas, durante os quatorze

(Continúa)



← Numerosas donas de casas cooperam com as autoridades, no tabelamento. Aqui vemos uma delas esclarecendo um comerciante

O preço de exportação dessas mercadorias que estão sendo embarcadas num navio cargueiro, é fixado de acordo com o preço corrente por atacado nos Estados Unidos





Um dos vários escritórios onde é determinado o preço máximo das mercadorias. Os pedidos de licença de exportação são rejeitados sempre que seu preço básico for mais alto do que o preço corrente no mercado interno. Na gravura à esquerda vê-se uma caixa explicando o tabelamento de preços a uma freguesa



meses que se seguiram, declinaram um por cento, mesmo a despeito da crescente escassez de produtos manufaturados verificada nos mercados exportador e importador, e ainda dos riscos de guerra e do aumento de 4 por cento verificado nos preços por atacado no mercado interno dos Estados Unidos.

Esses preços estão agora estabilizados mais ou menos no nível alcançado durante os primeiros meses da execução do controle. E, quanto a vários produtos, soda cáustica, facões, válvulas de rádio, velas de automóvel e papel de escrever, seu custo, na doca nos Estados Unidos, é quase o mesmo o que tem prevalecido nestes dois últimos anos.

Contrôle e especulação

Convém acentuar que o controle oficial norte-americano nem sempre é o suficiente para proteger contra a carestia o consumidor no mercado importador. E' ainda Chester Bowles quem se manifesta nesse sentido, aduzindo suas razões:

"Os resultados da nossa intervenção, exercendo o controle, só podem ser verificados enquanto as mercadorias estiverem em mãos dos exportadores nos Estados Unidos, ou de seus agentes autorizados. Sempre que, no mercado consumidor, a oferta for menor que a procura, essa condição degenera em especulação, às vezes, desenfreada. Em via de regra, maior o número de intermediários, mais elevado será o preço que o consumidor tem que pagar. Essa é uma das forçosas razões que militam a favor da adoção do controle dos preços, quando o estado de guerra perturba o necessário equilíbrio entre a oferta e a procura. Os importadores devem se acobertar contra as explorações, bastando para isso adicionar aos preços correntes nos Estados Unidos, o custo dos direitos aduaneiros e o de distribuição, para terem idéia de um preço razoável para a venda a retalho. Quando o resultado representa um custo duas ou três vezes maior que a estimativa, o importador tem toda razão de desconfiar que está sendo vítima de especulação. E', pois, fácil de verificar." Charles Walsh, diretor da seção de exportação e importação do Es-

critório do Tabelamento, declara francamente que, em alguns casos verificados, as mercadorias exportadas tinham sido vendidas a um preço que variava entre cinco e dez vezes mais o seu custo ao deixarem os Estados Unidos. Segundo o mesmo diretor, o custo dos produtos industriais, no mercado norte-americano, tem se mantido mais ou menos estável, graças ao controle dos preços, sobretudo quanto a artigos de aço e outros materiais pesados.

"O comércio interamericano de importação, lembra o Sr. Walsh, ao partilhar dos reduzidos estoques dessas mercadorias destinadas ao consumo civil, tem feito suas compras com uma considerável economia, devido aos esforços da seção de exportação e importação do Escritório do Tabelamento. Tal economia, naturalmente, se presupõe em face do que seria a alta dos preços de exportação, na ausência de um adequado controle. Teria sido uma alta contínua durante estes dois últimos anos, à medida que a oferta fosse decrescendo em relação à procura. Nesse particular ainda estão bem vivos no lembrança de todos, os efeitos da inflação ocorrida durante a última guerra. Desta vez, porém, o controle dos preços de exportação veio, de fato, preencher uma lacuna, prevenindo a especulação, pelo menos no ponto de origem das mercadorias. Todos os pedidos de licença de exportação são rigorosamente examinados, fazendo-se o confronto dos preços declarados com as tabelas em vigor para o mercado interno, verificando-se também a exatidão das demais despesas a pagar com a exportação."

Casos concretos

Alguns casos apontados pelo Sr. Walsh servem para ilustrar a situação. Houve, por exemplo, um pedido de licença de exportação para um negócio de peles e casacos de peles, no valor de 160.000 dólares. Quando os investigadores procuraram obter maiores detalhes sobre as mercadorias a serem embarcadas, o preço das mesmas foi reduzido para 120.000 dólares, demonstrando que o embarcador sabia que estava numa posição insustentável, quanto ao verdadeiro valor da compra.

Noutro caso tratava-se de trilhôs. O exportador tinha exagerado o total das despesas, resultando daí uma redução de mais de 5.000 dólares, em virtude da ação dos investigadores.

Na exportação de maquinaria tem havido numerosos exemplos de pedidos de licenças drasticamente alterados, no seu valor, por causa de pequenos erros de cálculo que, cometidos de boa ou de má fé, não obstante, encareciam as mercadorias, sem que houvesse razão para isso.

Na grande maioria dos casos, entretanto, tem sido desnecessário fazer qualquer investigação, porque os pedidos de licença de exportação são acompanhados de comprovantes que bem demonstram o escrúpulo dos seus interessados, alheios a qualquer negócio que não seja justo e direito.

A economia resultante desse serviço em todos os casos de mercadorias exportadas para as outras Américas não pode ser calculada exatamente. Mas não resta dúvida que é uma economia vultuosa, bastando considerar que o total das exportações dos Estados Unidos para os mercados das repúblicas americanas tem se mantido num nível elevado, em comparação com os negócios de antes da guerra, mesmo com as dificuldades de praça nos navios e com a escassez de produtos manufaturados em geral, no mercado exportador, sentidas desde o começo da guerra.

ATAcando AS INDÚSTRIAS DE GUERRA DO JAPÃO



Enormes nuvens de fumo causadas pelas bombas dos B-29, da 20a. Força Aérea dos EE. UU., durante o ataque contra as usinas de Anshan, na Manchúria

Avantagem da distância, que o Japão contava para proteger suas indústrias de guerra, desde o começo das hostilidades no Pacífico, está se reduzindo a um mito com os assaltos das superfortalezas voadoras B-29, dos Estados Unidos. Não mais se encontram imunes do ataque direto os centros japoneses de produção de aço, de petróleo e de armamentos.

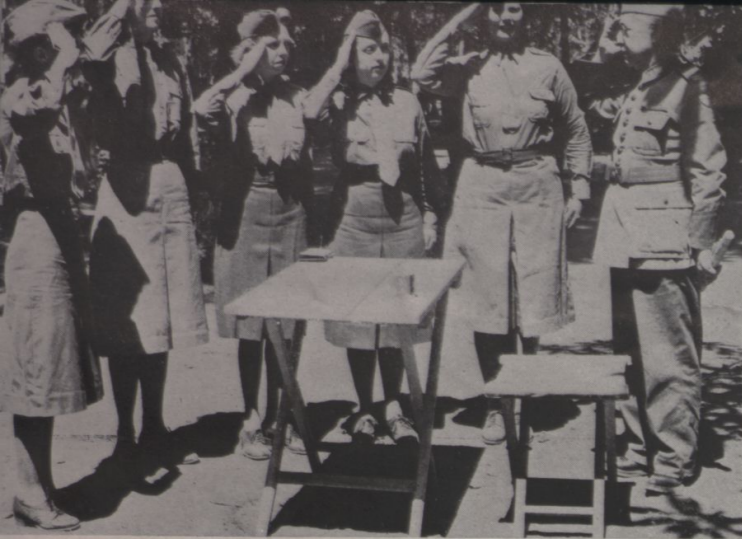
Os gigantescos bombardeiros americanos, muito maiores que as "Fortalezas Voadoras", medindo 46 metros de ponta a ponta da asa e quase 32 metros de comprimento, têm um raio

de ação tão amplo que alcança todos os teatros da guerra no Pacífico. Por essa razão, o comando geral das superfortalezas foi entregue ao General H. H. Arnold, chefe da Aviação Militar dos Estados Unidos, sendo os seus ataques contra o Japão planejados em Washington.

Desde o primeiro ataque levado a efeito por esses bombardeiros, em junho último, foram lançadas várias toneladas de explosivos nas indústrias bélicas japonesas, inclusive o seu maior centro siderúrgico, em Yawata, e as usinas de Anshan, na Manchúria. A gravura que publi-

camos, a primeira fotografia colhida durante um dos raids das superfortalezas, mostra nuvens de fumo projetando-se a grande altura, dos incêndios causados pelo bombardeio da usina de Anshan. Quasi simultaneamente, outra esquadrilha dos grandes bombardeiros investiu contra a maior base de abastecimento de petróleo do Japão, em Palembang, na ilha de Sumatra.

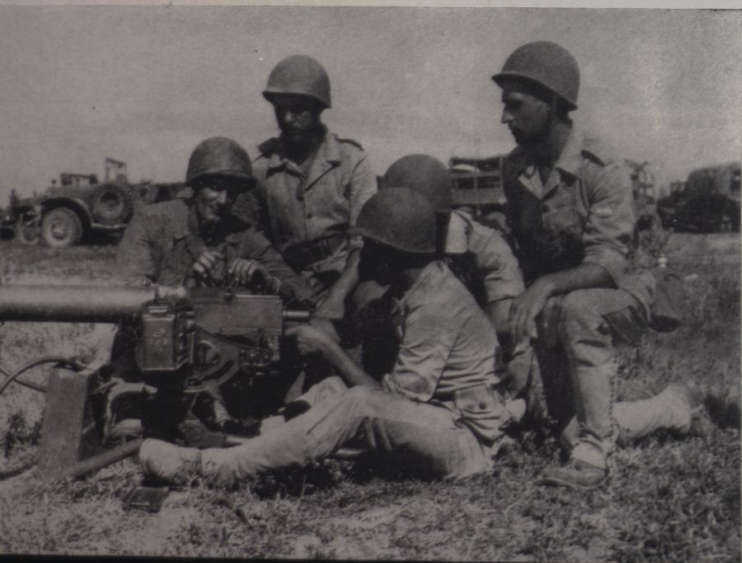
As superfortalezas americanas ainda estavam sendo construídas, há mais de um ano, e já os chineses, 450.000 trabalhadores, ativavam, no interior da China, a construção das bases aéreas.



Enfermeiras brasileiros servindo junto à Fôrça Expedicionária Brasileira, ao se apresentam ao seu comandante, General Mascarenhas de Moraes, no seu quartel-general, na Itália



Numa das bases militares na Itália, os soldados brasileiros recebem instrução sobre o manejo do fuzil Springfield, ministrada por um oficial norte-americano. Em baixo: durante uma explicação da operação da metralhadora Browning, ministrada aos brasileiros por um soldado americano. Os instrutores são combatentes experimentados nas frentes de batalha



O BRASIL NA GUERRA DA LIBERTAÇÃO

Frank V. Norall, correspondente do Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos junto a Fôrça Expedicionária Brasileira na Itália, assim relata as suas impressões da tropa, ora ultimando a sua preparação para entrar em combate:

VETERANOS combatentes das forças dos Estados Unidos, já experimentados nos campos de batalha da África e da Europa, são unânimes em considerar a Fôrça Expedicionária Brasileira como um conjunto de tropas que os nazistas terão que respeitar. Sua preparação tática no Brasil e aqui lhe tem aprimorado todas as qualidades indispensáveis a uma tropa de primeira ordem. Por isso, os oficiais, inferiores e praças do Exército americano que vieram das frentes de batalha especialmente para porem os soldados brasileiros ao par dos últimos detalhes técnicos desta guerra de vigoroso movimento, sentem-se verdadeiramente orgulhosos da honra que lhes foi conferida.

Já tive ocasião de observar de perto o soldado brasileiro durante um exercício com norteiros de 60 mm. Cinco homens compunham a guarnição da peça, para eles ainda pouco conhecida. Só a tinham usado no dia anterior, e já estavam fazendo disparos contra um alvo a considerável distância, com uma pontaria realmente de admirar.

O Primeiro-Tenente Charles Lynch, do Exército americano, ajudava-os a se familiarizar com a arma. Dirigindo-se aos soldados, recomendou: "Estão vendo o tronco daquela árvore, em cima da colina? A sua base será o nosso alvo."

A árvore ficava a centenas de metros de distância. O artilheiro carregou a peça. Ouvia-se um estouro surdo, violento. Segundos depois, o projétil completava a sua rápida trajetória e explodia exatamente no ponto indicado.

"Só fizeram três disparos, disse o tenente, e já acertam com toda a acuracidade. Esses homens assimilam a instrução rapidamente. Ainda não tive necessidade de repetir coisa alguma."

A mesma impressão era externada pelo tenente americano
(Continúa)



O General Mark W. Clark, tendo ao seu lado o General Mascarenhas de Moraes, dirige-se, pelo microfone, às tropas brasileiras, para dar-lhes as boas-vindas aos campos de batalha das Nações Unidas, enaltecendo a sua valiosa participação na causa da Liberdade



Ao lado do pavilhão brasileiro nos campos de batalha na Itália: o Gen. João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira, e o Gen. Mark W. Clark, comandante do Quinto Exército dos Estados Unidos, passando em revista às tropas brasileiras, por ocasião das comemorações no Dia do Soldado

Tropas brasileiras, do primeiro exército de uma nação latina-americana a combater em solo europeu, marchando perante o pavilhão, durante a revista





Uma guarnição de peça ouve atentamente a explicação sobre detalhes do canhão antitanque de 57 mm., dada pelo Capitão americano Robert Stephenson

William Higgins, encarregado de instruir uma companhia de soldados brasileiros no manejo de outra peça, nôvel nesta guerra, a bazooka. À distância, o tenente Higgins observava, com um ar de completa aprovação, o tenente brasileiro L. J. Torres Marques, fazendo aos seus soldados a demonstração de carregar a peça. Esse oficial acabara de terminar seu curso de especialização.

Pouco depois, o capitão Edgard Monteiro Sampaio, comandante de uma companhia, levou-me para ver os exercícios de tiro de sua tropa, com a "bazooka", alvejando vários abrigos móveis, de aço, abandonados pelos alemães.

Conquanto as tropas brasileiras estejam completamente treinadas no uso da maioria das armas usadas na guerra moderna, ao chegarem a Itália tiveram que se identificar com alguns tipos

de armas e de equipamento que ainda não tinham tido ocasião de manejar.

Mostrando o máximo interesse de adquirir um perfeito conhecimento de todo o material que vão usar em combate, os soldados brasileiros têm revelado excelente aproveitamento da instrução que lhes tem sido ministrado pelo pessoal do Quinto Exército dos Estados Unidos. O trabalho é intenso e árduo nesse período de ajustamento para o combate. Mas a excepcional aptidão do soldado brasileiro para absorver rapidamente essas derradeiras instruções revela tanto as suas qualidades pessoais de inteligência como a proficiência do corpo de oficiais que os prepararam basicamente nos centros de instrução no Brasil.

O Dia do Soldado transcorreu em meio de expressivas demonstrações de patriotismo. Nesse

dia, o General Mark Clark passou em revista as tropas brasileiras e prestou justo tributo ao magnífico espírito de elevada compreensão dos seus deveres. Falando às tropas, disse o general:

"Ides desempenhar uma parte grandiosa nas grandes vitórias futuras. Representais as brilhantes tradições do Exército brasileiro. Sob o comando dos hábeis generais Mascarenhas e Zenobio da Costa, com o vosso equipamento e o vosso ardoroso espírito de combate, podeis contar com gloriosos dias futuros. Ides verificar que, ao enfrentardes os alemães, deles nada tendes a temer. Eles vos respeitarão. Ides derrotá-los em todos os encontros, em virtude de uma superioridade que eles nunca terão, marcando assim mais um brilhante capítulo na história do vosso grande e futuro Brasil. Felicidades a todos!"

Depois de longas horas de atividade na sua preparação, as tropas brasileiras, como todas as tropas do mundo, não dispensam uma excelente "boia"



SIMÓN BOLÍVAR

Dentre os muitos tributos que a cidade de Caracas, Venezuela, tem prestado à memória do maior dos seus filhos, Simón Bolívar, esse retrato é um dos mais notáveis. É um trabalho de Gil e está no Palácio Federal, mostrando o grande soldado-estadista tal como ele queria ser lembrado — no uniforme de general dos exércitos da Independência. Libertador de várias nações americanas, Bolívar nasceu em Caracas, em julho de 1783, e faleceu na cidade de Santa Marta, Colômbia, em 1830



Estados Unidos



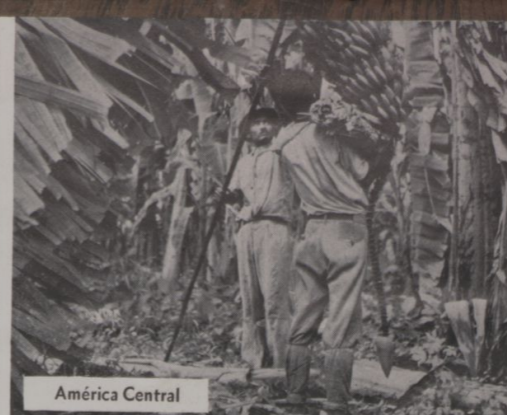
América do Sul



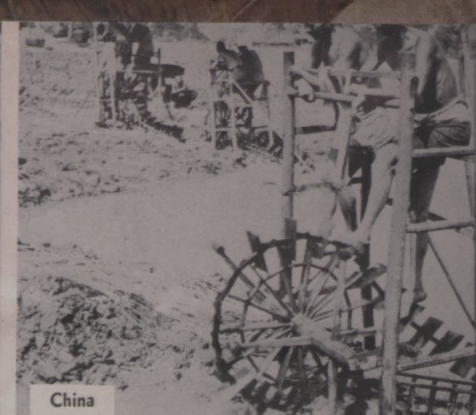
Russia



Inglaterra



América Central



China

Um dos objetivos das Nações Unidas é elevar o nível de vida de todos os povos do mundo. Nesse sentido, as medidas de cooperação econômica que já foram tomadas para a estabilização das várias moedas, são um importante passo. A moeda de uma

nação e seu respectivo valor, com relação à moeda de outras nações, afeta seriamente a vida e a prosperidade de seu povo. O trabalhador do campo ou o operário das fábricas troca seu trabalho pela moeda, e esta, por sua vez, é trocada pelas mer-

cadorias que ele tem que comprar para alimentar e vestir a si e a sua família, e para satisfazer as demais necessidades da vida. O comércio entre as nações se opera, mais ou menos, nas mesmas bases, e das flutuações no valor da moeda de uma nação

dependem a sua habilidade de comprar e de vender nos mercados estrangeiros. Os efeitos de tais condições se refletem no povo inteiro. Por isso, a estabilização da moeda, agora um dos maiores objetivos das Nações Unidas, tem grande significação

O EQUILÍBRIO ECONÔMICO

UM NOVO PASSO PARA A PAZ MUNDIAL

EM meio do caos e da destruição causados pela guerra, um novo mundo está tomando forma — um mundo esperançoso de uma melhor cooperação internacional, de um nível de vida mais alto, de segurança econômica individual e, acima de tudo, um mundo dedicado a uma paz duradoura.

Os criadores desse propósito são as Nações Unidas e suas associadas. Seus elementos de ação se resumem nas suas respectivas moedas, no braço trabalhador e na sua produção. Alguns dos planos elaborados já estão em franca execução. Outros, continuam em estudos, para serem aplicados depois da guerra, com o fim de reduzir a instabilidade econômica das nações e promover o bem-estar dos povos, eliminando assim os fatores que mais contribuem para perturbar a paz universal.

Essas atividades das Nações Unidas que, desarte, estão cultivando a sua solidariedade tanto no terreno das cogitações pacíficas como no das operações militares, vieram primeiro a público em junho de 1943, por ocasião da realização da sua primeira conferência para tratar de alimentos e de agricultura. Poucos meses depois realizou-se outra reunião, desta vez, para tratar de socorro e reabilitação das nações atingidas pela guerra em várias partes do mundo.

Mais tarde, houve a reunião do Escritório Internacional do Trabalho, para discutir assuntos de primordial importância para a estrutura social do mundo de após guerra, como sejam a garantia de trabalho para todos e a elevação do padrão de vida. Houve ainda, em Nova York, em maio último, a reunião das 21 comissões nacionais do Fomento Interamericano, para formular planos que tornarão ainda mais amistosas e úteis as relações entre as Américas.

Por fim, chegou a vez da Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, um dos acontecimentos de maior significação econômica internacional desta última década. Tornou-se importante não somente por causa das decisões tomadas, mas também pelo fato de haverem os técnicos, representantes de 44 nações, chegado a acordo em matéria de caráter tão controverso como a que se refere a finanças internacionais. Nessa, como noutras conferências, os delegados

das nações americanas fizeram contribuições de extraordinário relevo para a ordem internacional. Conquanto os acordos tenham que ser ratificados pelos respectivos governos participantes, para se tornarem válidos, o trabalho da conferência constitui um dos maiores esforços das Nações Unidas e suas associadas na complexa elaboração de planos para uma paz universal duradoura, uma paz estabelecida essencialmente em bases firmes de segurança financeira através da cooperação internacional.

De um modo geral, os delegados tomaram em consideração uma fórmula capaz de criar as melhores condições monetárias e financeiras para o desenvolvimento do comércio mundial e para eliminar os riscos que, no campo das finanças, tanto comprometem a ordem econômica. Na calma atmosfera das montanhas de Bretton Woods, no Estado de Nova Hampshire, os delegados e seus assistentes trabalharam dia e noite para a apresentação e discussão dos seus numerosos e momentosos problemas.

A questão da moeda

Um dos objetivos em vista foi estabilizar a cotação entre as moedas das 44 nações participantes. E' fato verificado que, quando se dá a depreciação da moeda, mesmo de uma única nação, em relação às moedas de outras nações, o intercâmbio comercial da nação afetada torna-se difícil, sobrevindo então a crise com todas as suas danosas consequências.

Para remediar esse mal, os delegados propuseram a criação de um fundo universal calculado em 8 bilhões e 800 milhões de dólares, para o qual cada nação contribui com uma soma determinada, num máximo de 25 por cento em ouro. Quando, por exemplo, uma nação carecer de moeda de outra nação para liquidar a sua balança comercial internacional, essa nação, satisfazendo certas condições estabelecidas, poderá adquirir a necessária importância no Fundo. Esse recurso evitará as flutuações violentas nas taxas cambiais e as repercussões prejudiciais à ordem econômica do país em questão. E assim, o Fundo, facilitando a expansão e o desenvolvimento equilibrado do comércio internacional; promovendo a estabilidade do inter-

câmbio e evitando a depreciação decorrente de trocas que se competem, certamente ajudará a aumentar o número das ocupações e dos empregos em geral, resultando daí uma maior renda individual e, conseqüentemente, um padrão de vida mais elevado para todos.

O Banco de Reconstrução e Desenvolvimento Mundial, também planejado pela conferência, será criado em bases similares às do Fundo, cada nação subcrevendo ações para perfazer o total de 9 bilhões e 100 milhões de dólares. Esse capital servirá para atender às necessidades de qualquer nação participante que precisar levantar empréstimos para financiar a execução de projetos que venham aumentar a sua produtividade, estabilizando a sua economia.

Com esse auxílio financeiro, a nação poderá ajudar a pagar as obras de reconstrução de suas propriedades danificadas pela guerra, ou poderá ainda desenvolver seus próprios recursos, conforme for o caso em apreço. Quanto mais trabalho houver, maiores serão os meios disponíveis para a compra no mercado interno e no estrangeiro.

Os delegados reconheceram a necessidade de estabelecer certas condições para salvaguardar os interesses do Banco e, ao mesmo tempo, evitar a má aplicação de capitais ou qualquer prejuízo para as nações participantes. Uma junta composta de 12 diretores e de um presidente ficará a cargo da administração da instituição. Os Estados Unidos, a Inglaterra, a Rússia, a China e a França, nações que fizeram as maiores subscrições de capital, designarão, cada uma, um diretor. As sete vagas restantes serão preenchidas por eleição entre as demais nações, sendo que dois cargos ficarão reservados para as outras repúblicas americanas.

Conforme explicou o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Morgenthau, Jr., presidente da conferência, os vários detalhes técnicos da criação e operação do Banco e do Fundo "podem parecer um mistério para o público em geral."

"Contudo," declarou o Sr. Morgenthau, "no âmago da questão encontram-se as realidades mais elementares da vida cotidiana. O que fizemos em Bretton Woods foi criar os elementos

por meio dos quais o trabalhador, em geral, em toda parte, possa adquirir livremente, em base equitativa e estável, as mercadorias que ele produz com o seu trabalho."

A parte os incontestáveis resultados práticos, a conferência se destacou pelo elevado espírito de cooperação manifestado por todos os delegados presentes, que não hesitaram um só momento em "ceder terreno", sempre que disso dependesse o acordo final colimado.

Digno de registro foi, por exemplo, o que se passou com relação ao importante detalhe das contribuições por quotas para o capital do banco. Os representantes das demais repúblicas americanas eram de opinião que, aos seus países era mais imperiosa a necessidade de lançar empréstimos para desenvolver seus recursos naturais, do que contribuir para o capital bancá-

rio internacional. Razão porque preferiam que suas respectivas quotas fossem baixas. Não obstante, com o fim de chegar a um acordo que satisfizesse os interesses gerais, prontificaram-se espontaneamente a aumentar de 70 por cento a importância da quota que lhes cabia.

Ainda, quando os delegados da Colômbia e do Chile manifestaram o desejo de fazer uma contribuição mais elevada, para habilitar seus países a maiores operações de crédito no banco, ampliando também seu voto deliberativo, a delegação do México, com aplauso geral, se prontificou a oferecer 10 milhões de dólares da sua própria quota de cem milhões, para serem divididos, em partes iguais, entre a Colômbia e o Chile, que, assim, tiveram aumentadas para 50 milhões de dólares as suas respectivas quotas, sem se perturbar a harmonia reinante.

A delegação dos Estados Unidos, da mesma maneira, ciosa de contribuir para um perfeito acordo, não relutou em aumentar para 3 bilhões e 175 milhões de dólares a sua quota, previamente estipulada em 2 bilhões e 750 milhões.

Essas e tantas outras concessões feitas pelas várias delegações animam a encarar com os melhores auspícios a cooperação internacional no mundo de após guerra.

Em telegrama felicitando os delegados pela "bem sucedida conclusão de uma difícil tarefa", o Presidente Roosevelt acentuou que os delegados "tinham assentado duas novas bases para a estrutura de uma paz duradoura e da segurança econômica, demonstrando que os povos das Nações Unidas, lutando juntos na guerra, também sabem cogitar, juntamente, dos planos da paz, honrando as conquistas da civilização."

Quarenta e quatro nações fizeram-se representar na Conferência realizada em Bretton Woods, N. H., para tratar da estabilização econômica do mundo





Gozando excelente clima e situada numa pitoresca baía, na costa do Pacífico, a cidade de Valparaíso, é uma das mais importantes da América

VALPARAISO—PROGRESSISTA PÔRTO CHILENO

ABELA Valparaíso, situada às margens de uma baía semi-circular, é uma das cidades mais progressistas do Chile, em cultura, em educação, em comércio e em indústria.

Aproximando-se da cidade por mar, o visitante enfrenta uma vasta e pitoresca baía que se estende de Punta Angles a Punta Guesa. Como que emoldurando a vista, as montanhas que separam Valparaíso do interior do país, elevam-se a uma altura de 300 a 400 metros.

A população da cidade tem aumentado continuamente. Há menos de um século, tinha 50.000 habitantes; hoje, tem 200.000. Ultrapassada somente pela cidade de Santiago, como o principal centro industrial chileno, Valparaíso tem numerosas fundições e oficinas, uma grande refinação de açúcar, oficinas de concertos da via-férrea do governo, fábricas de móveis, indústrias de frutas e de fumo, cervejarias, destilarias e fábricas de garrafas.

Antes da construção do canal do Panamá, Valparaíso tinha pouco movimento portuário. Mas atualmente, com suas modernas docas, armazéns e maquinismos para carregar e descarregar mercadorias, é um dos

maiores e mais importantes portos da América do Sul. Mesmo durante o movimento normal, em tempo de paz, passam pelo pôrto de Valparaíso mais de um milhão de toneladas de mercadorias por ano, servindo as províncias chilenas ao norte, até Coquímbo e a ilha de Los Andes.

A cidade foi uma das primeiras, na América, a instalar os serviços de telégrafo e de gás, sendo também uma das primeiras na construção de aquedutos, de linhas de bondes e na fundação de um jornal diário, "El Mercurio". Em Valparaíso, Eusebio Lillo, autor do hino nacional chileno, Vicuña Mackenna e Sarmiento escreveram suas maiores obras. A cidade é, tradicionalmente, um dos grandes centros educacionais do continente americano, destacando-se a sua Universidade Técnica Federico Santa María, o Museu de História Nacional e a Escola Naval.

Valparaíso foi fundada em 1536, na período áureo das conquistas espanholas, pelo capitão Juan de Saavedra, do exército de Almagro. Há séculos, seus habitantes têm sido vítimas de guerras, de incêndios e terremotos, mas nada tem impedido a histórica cidade chilena de se refazer, em curto tempo, e de continuar no seu crescente progresso.

AS AMÉRICAS ENCARAM O FUTURO

SOMOS todos acordos em que o sistema cooperativo interamericano tem demonstrado ser da máxima importância para a segurança deste Hemisfério, devendo ser aperfeiçoado e expandido, agora e futuramente, de acordo com as contínuas necessidades impostas tanto pelo grave momento que o mundo atravessa, como pelas urgências de depois da guerra. Estamos determinados a manter, em tempo de paz, a mesma exemplar cooperação que temos mantido durante a guerra.

Foi assim, numa declaração conjunta, que o Ministro do Exterior do México, Ezequiel Padilla, e o Secretário de Estado Cordell Hull, dos Estados Unidos, reafirmaram a sua fé na cooperação interamericana como uma política a ser continuada depois da guerra. A declaração acima foi feita por ocasião da recente visita do Dr. Padilla a Washington, durante a qual foram realizadas várias conferências entre o chanceler mexicano, o Presidente Roosevelt, o Secretário Hull e outras altas autoridades. Em face dos resultados dessas conferências, nas quais também foram discutidos os problemas de transporte e do fomento econômico, o Secretário Hull e o Dr. Padilla anunciaram acharem-se de "completo acordo."

Quanto ao problema de transporte, os Estados Unidos concordaram em "continuar a facilitar os meios necessários para transportar para o México as mercadorias essenciais a esse país," ao mesmo tempo que o México



O Dr. Ezequiel Padilla, Ministro do Exterior do México, conferenciando com o Presidente Roosevelt, na Casa Branca, durante sua recente visita aos E.E.U.U.

envidará todos os esforços para "reduzir a pressão nos meios de transporte dos Estados Unidos." Uma missão de técnicos especialistas ferroviários norte-americanos continuará com seus trabalhos no México, dando particular atenção às necessidades mexicanas quanto a uma maior quantidade de trilhos, de locomotivas e de vagões de carga. Logo que for possível, os dois países restabelecerão seus transportes por via marítima, afim de diminuir a sobrecarga das suas respectivas rodovias e vias férreas.

Foi igualmente discutido o programa de longo alcance do México, que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico. Esse programa foi delineado pela Comissão Mexicana-Americana de Cooperação Econômica, cuja criação ficou decidida

durante a reunião que o Presidente Avila Camacho teve com o Presidente Roosevelt, no ano passado. Dentre os assuntos que mereceram estudo especial destacam-se os que se referem aos meios de transporte e ao potencial elétrico no México, ambos considerados de premente urgência no programa de desenvolvimento econômico nacional.

"A contribuição da política panamericana não tem par na vida internacional. A agressão contra qualquer um de nós deve ser considerada como uma agressão contra toda a América. Esse princípio tem sua projeção na era de paz que já se acerca rapidamente. A prosperidade de cada um é de interesse comum a todos," declarou o Dr. Padilla na União Panamericana.

Ao chegar em Washington, o Dr. Ezequiel Padilla, acompanhado de sua esposa, é recebido, na Union Station, pelo Secretário de Estado Cordell Hull e pela Sra. Hull. O Dr. Padilla conferenciou com o Secretário Hull e outras altas autoridades, sobre problemas de transportes e outros assuntos referentes ao fomento econômico do México





A população de Minsk retorna, pouco a pouco, aos seus lares, depois da recaptura da cidade pelos exércitos soviéticos. Os alemães destruíram quase todas as casas e saquearam todos os estabelecimentos comerciais, antes de se retirarem apressadamente



Um soldado russo presta os primeiros socorros a um companheiro que acaba de cair ferido



Tanques russos rompendo um ataque. Em baixo: o Marchal Konstantin K. Rokossovsky dando instruções, pelo telefone, aos seus oficiais para iniciarem o avanço que levou os exércitos soviéticos a cent e cinquenta quilômetros da cidade de Varsóvia

A COLOSSAL OFENSIVA NO ÉSTE

FAZIA já dois meses que a frente russa estava comparativamente calma. Durante as calmarias anteriores, os alemães sempre davam expansão aos planos de suas futuras ofensivas, quando não espalhavam notícias afirmando que os aliados estavam se desavindo entre si. Mas essas esperanças nazistas acabaram por se desfazer completamente. As tropas soviéticas recapturaram a Ucrânia; as forças dos Estados Unidos e da Inglaterra avançaram para além de Roma; os aliados invadiram a Normândia e, agora, a única questão, no leste, era saber onde e como os exércitos russos atacariam.

Os comentadores nazistas fizeram várias predições. Era sabido que os exércitos soviéticos estavam movimentando suas forças nas linhas da retaguarda, em direção ao Mar do Norte. Uma das predições considerava que o ataque far-se-ia numa vasta frente ao longo dos baixios do rio Dneister, em direção aos campos petrolíferos da România; outra versão afirmava que o assalto seria lançado em volta de Brody e de Tarnopol, na velha Polónia, e finalmente, uma terceira previsão encarava a possibilidade da ofensiva ser lançada partindo de Gomel, pela Polónia Central.

Nenhuma dessas previsões se verificou. A guerra de quatro frentes tornara-se realidade; os aliados, com toda a pujança de suas forças estavam atacando os alemães, em terra e pelo ar, e o momento era oportuno para as avançadas decisivas contra o centro

do poder militar alemão. Assim, enquanto os nazistas se preocupavam contra as tentativas dos aliados para cortar as suas linhas de abastecimentos, para isolar distantes guarnições e libertar os territórios ocupados, os exércitos russos preparavam-se para atacar o cerne do sistema de defesa nazista, ao longo da via Moscou-Varsóvia, a melhor maneira de chegar a Berlim.

O plano de ataque requeria a avançada, simultaneamente, de quatro exércitos soviéticos, envolvendo Vitebak, Orsha, Mogilev e Bobruisk. Esses eram os bastiões para os quais os nazistas tinham recuado, depois de fracassarem na tomada de Moscou, e de terem sido expulsos de Smolensk. Os alemães ali tinham concentrado 21 divisões de primeira classe, uma força de 350.000 homens, incumbidos da defesa da auto-estrada e da via-férrea que, para trás se estendia numa distância de 1.300 quilômetros até Berlim — a linha vital de abastecimentos conhecida pelos alemães como a "linha-pátria."

Quasi três anos tinham decorrido desde que os invasores atravessaram a Polónia e penetraram a fundo na União dos Soviets, na sua jornada de conquista. Tinham avançado com enorme superioridade aérea; agora, entretanto, os aviões russos eram em número mais do que o equivalente ao poder aéreo do inimigo. Os alemães tinham, antes, aberto caminho com uma artilharia superior, mas as exércitos russos agora dispunham da vantagem dos



Soldados da infantaria russa avançando contra todos os obstáculos do terreno, para atacar as linhas finlandesas situadas no istmo de Karelia



Um tanque do exército russo, conduzindo tropas, ao entrar noutra cidade libertada: Poltsk, depois de formidável ataque. Vê-se, no primeiro plano, um soldado alemão, morto



Uma mulher russa descreve aos seus compatriotas que a libertaram, os sofrimentos que passou em Sebastopol, durante os anos que a cidade esteve sob a dominação nazista



Numa das bases aéreas da Rússia, postas à disposição dos Estados Unidos, os pilotos russos dão as boas-vindas aos seus colegas norte-americanos que acabam de bombardear certos objetivos militares na România. Em baixo: uma coluna de infantaria soviética passando pelas ruínas da cidade de Pskov, durante a sua ofensiva contra a Prússia Oriental



poderosos tanques blindados, dos seus canhões antitanques, de 45 mm., das suas peças de 75.2 mm., dos morteiros, dos projéteis-foguetes e dos colossais canhões de 155 mm., montados em chassis de tanques de 52 toneladas — armas todas elas aperfeiçoadas desde o começo da guerra.

Ao cair do crepúsculo azulado que precede as longas noites do setentrião, continuava intensa a acumulação das poderosas divisões blindadas e de artilharia na retaguarda do "front" que ia de norte ao sul, numa extensão de 450 quilómetros. Finalmente, no dia 22 de junho, três anos e um dia depois da invasão alemã, começaram as operações de envolvimento de cada um dos redutos fortificados do inimigo. As tropas russas, movimentando-se em terreno baixo e pantanoso, avançaram ao norte e ao sul de cada uma das cidades fortificadas e, depois, atacaram em todas as direções. Através das nuvens de fumo causado pelo fogo da artilharia, a aviação russa lançou numerosos ataques, dos mais intensos desta guerra, apoiando a contra-ofensiva. Somente num dia, os aviões soviéticos fizeram 3.000 surtidas.

Vitebsk, situada no extremo norte da linha de batalha, foi o primeiro reduto recapturado pelos russos; os demais foram caindo em rápida sucessão. Seis mil alemães ficaram mortos no combate nas ruas. Mais dezesseis mil morreram e dezoito mil foram feitos prisioneiros em Bobruisk. Em dez dias, as perdas alemãs, entre mortos, feridos e prisioneiros, foram de mais de 200.000 homens.

A contra-ofensiva soviética alongou-se numa extensão de 150 quilómetros até Minsk, capital da Rússia Branca, e a última grande cidade russa que ainda estava em poder do inimigo. Prossequindo, depois de ocupar Minsk, os exércitos russos, num mês fizeram 158.000 prisioneiros e chegaram às portas de Varsóvia. Com a destruição das defesas alemãs, os russos abriram o caminho para novas avançadas em direção à Prússia Oriental e Berlim. E isso se verificou na ocasião em que as tropas alemãs estavam sofrendo contínuas derrotas na Itália e na França, e Hitler se via no impossibilidade de desviar suas tropas da frente oriental.

Cincoenta mil prisioneiros alemães desfilam por Moscou, em direção ao acampamento onde permanecerão até terminar a guerra

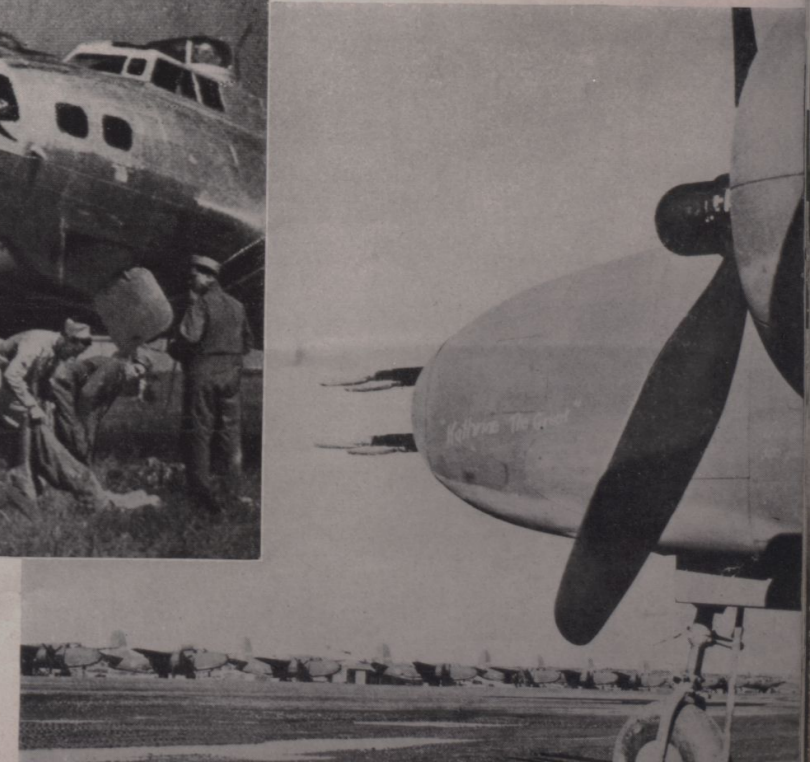


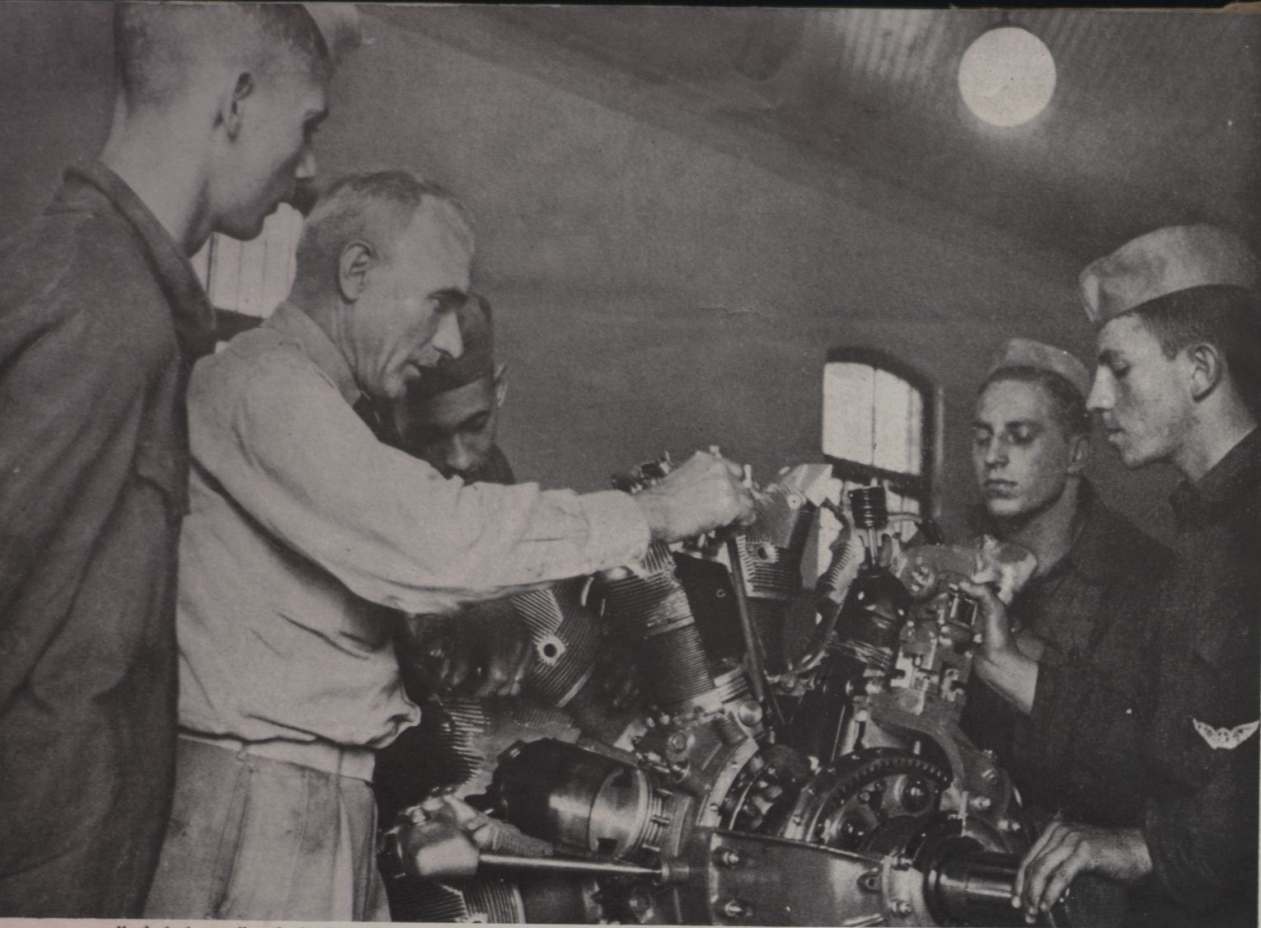
Uma patrulha de cavalaria russa ao passar pelas ruas de Viena, indo ao encaço dos últimos remanescentes nazistas

Na gravura à esquerda: aviadores norte-americanos, numa base na Rússia, preparando-se para lançar um ataque



Na gravura à direita: aviões americanos chegam ao Alaska, de onde seguirão para a Rússia, pilotados por aviadores russos





Um instrutor explicando detalhes de um motor, na Escola Técnica de Aviação de São Paulo, na qual estão se preparando os mecânicos da aviação militar

A ESCOLA TÉCNICA DE AVIAÇÃO

A FÔRÇA AÉREA BRASILEIRA está desenvolvendo, com os mais auspiciosos resultados, a natural aptidão para a mecânica, de tantos jovens cujos serviços serão dos mais necessários para a conservação dos aviões e para a indústria aeronáutica do país.

"Conquanto disponha de homens em número bastante e esteja num nível elevado de cultura, o Brasil, industrialmente, ainda está na infância," explicou o coronel V. A. Secco, chefe da delegação brasileira junto à Comissão Mista Brasileira-Americana de Defesa. "Com a decisão de expandir nossos planos relativos a uma força expedicionária composta também de poder aéreo, tivemos urgente necessidade de milhares de operários metalúrgicos, de soldadores, de especialistas, de mecânicos, enfim, de técnicos entendidos em todos os tipos de aviões."

Esse foi o problema enfrentado pelo Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, por ocasião de sua visita aos Estados Unidos, em 1943. Foi por mera coincidência que, de todos os lugares que visitou, o titular brasileiro encontrou logo no primeiro, exatamente aquilo que estava procurando, isto é, a Escola de Aviação Embry-Riddle, em Miami. Ao percorrer suas oficinas, causou-lhe particular impressão a natureza do trabalho que se realizava e o seu sistema. Havia, por toda parte, uma intensa atividade de aprendizes, futuros mecânicos, interessados em desvendar todos os segredos de máquinas e de motores. "E' de uma escola assim que precisamos no Brasil," declarou o Dr. Salgado Filho, entusiasmado com o que acabara de notar.

Cadetes numa aula prática de magnetos. Para a criação da escola, cuja necessidade era urgente, os Estados Unidos mandaram para o Brasil vários instrutores e todo o material necessário



Em tempos normais seriam necessários meses de negociações para conseguir o que o Dr. Salgado queria—uma escola como essa no Brasil. Mas as circunstâncias eram imperiosas, com a guerra a tomar um caráter decisivo e o Brasil preparando febrilmente uma força expedicionária para combater ao lado dos seus aliados, na Europa. O ministro Salgado tinha encontrado, em Miami, exatamente o que sua pátria necessitava e não perdeu mais tempo. Teve imediatamente uma conferência com John Paul Riddle, diretor da escola, e um dos pioneiros na organização de linhas aéreas comerciais.

O Dr. Salgado convidou-o para ir ao Brasil, com o fim de fundar e organizar uma escola de mecânicos nos mesmos moldes da de Miami. Riddle aceitou a proposta e, dentro de algumas semanas, um grupo de instrutores que falavam português, seguiu, de avião, para São Paulo, para fundar a Escola Técnica de Aviação.

A idéia foi recebida com extraordinário interesse e entusiasmo pela mocidade que aguardava ansiosamente o ensejo de dedicar-se à mecânica aplicada à aeronáutica, afluindo em grande número, os pedidos de matrícula. Toneladas de equipamento e de materiais necessários, postos à disposição do governo brasileiro através dos contratos de empréstimos e arrendamentos, começaram a seguir, por via aérea, dos Estados Unidos para a capital paulista. Pouco depois, a escola estava funcionando.

A escola de São Paulo tornou-se assim um dos maiores pontos de apoio do programa de guerra do Brasil. Ao resumir os resultados da pronta e valiosa cooperação dos Estados Unidos, declarou o coronel Secco: "A nossa Força Aérea, criada em 1941, tinha, no começo da guerra, poucos pilotos e escasso material. Os Estados Unidos nos forneceram modernos aviões para atender às necessidades táticas e de treinamento do Brasil, e o nosso programa de preparação foi suplementado com o acôrdo para que os cadetes da aeronáutica brasileira e oficiais técnicos-especialistas frequentassem as escolas da Aviação Militar dos Estados Unidos; Tivemos, portanto, a melhor assistência para manter nossos aviões no ar, contando com jovens e competentes pilotos, com material, oficinas e centros de montagem no Brasil; mas continuávamos sem resolver um dos maiores problemas — o da formação de mecânicos. Foi isso que a Escola Técnica de Aviação de São Paulo veio resolver. Quer dizer que, agora, teremos os técnicos necessários para manter com perfeita eficiência o nosso serviço de patrulha e de operações anti-submarinas na costa e de defesa das nossas várias bases.



Em tempo relativamente curto, os alunos brasileiros têm revelado grande aproveitamento nos cursos da Escola. Vemos na gravura uma instrutora, Miss Dorothy Wells, explicando ao cadete J. D. Picchi os detalhes de um avião de treinamento. Em baixo: oficiais e instrutores da Escola Técnica de Aviação, de São Paulo, instalada provisoriamente nos edifícios da antiga Imigração



A CRUZ VERMELHA NO FRONT

POR ocasião do avanço das forças dos Estados Unidos na França, um diretor de campo da Cruz Vermelha separou-se da sua unidade, que se achava prestando serviços nas proximidades das linhas alemãs.

Decidido a encontrar o seu grupo, percorreu, num automóvel "jeep", os arredores até que, depois de muitas horas, deu com uma patrulha de infantaria norte-americana. Quando disse aos soldados que tinha estado todo aquele tempo procurando a sua unidade, um deles exclamou: "Você foi meter-se na boca do leão! Esteve em território inimigo, a sete quilômetros além das nossas tropas!"

Conquanto a Cruz Vermelha não exija que seus representantes se arrisquem a tanto, todos que trabalham para essa instituição sempre fazem mais do que deles se espera. Desempenham eficientemente suas funções regulares e distinguem-se, pela sua coragem, na execução de tarefas arriscadas. Foi, naturalmente, devido à máxima confiança nos trabalhos da Cruz Vermelha, que, ao começar a guerra, o Congresso dos E.E.U.U., por lei especial, autorizou a Cruz Vermelha a servir junto às forças armadas norte-americanas no estrangeiro, sendo a única instituição desse gênero a merecer tal distinção. Para o desempenho desse encargo, a Cruz Vermelha contava com mais de meio século de experiência em socorrer as vítimas de guerra e de desastres. E com o apóio do público que tanto tem contribuído com dinheiro, com tra-



O pessoal da Cruz Vermelha está sempre a postos para servir refrescos, café e biscoitos aos tripulantes dos bombardeiros americanos no "front" italiano

balhos voluntários e com doações de sangue, a Cruz Vermelha está executando um programa de atuação universal. Neste hemisfério, a Cruz Vermelha dos Estados Unidos e as organizações congêneres das outras Repúblicas Americanas cooperam mutuamente através do Bureau Panamericano da Liga da Cruz Vermelha, com sede em Santiago do Chile, onde é mantido o intercâmbio de publicações e de informações.

A Cruz Vermelha dos Estados Unidos tem 5.556 representantes em 25 países e várias ilhas do mundo, sendo que quasi 4.000 são mulheres cujos deveres exigem a sua

presença nas linhas de batalha. Para cada uma das maiores unidades militares ou navais são designados um diretor de campo da Cruz Vermelha e até três assistentes. O diretor de campo é o agente de ligação entre o combatente e a família deste. E sabendo os oficiais das forças armadas como pode tornar-se ineficiente um soldado preocupado com a sua família, aconselham seus soldados a tratarem dos seus problemas pessoais com os representantes da Cruz Vermelha. Os diretores de campo atendem a uma grande variedade de casos, estando em constante comunicação com as organizações da Cruz Vermelha, tanto nos Estados Unidos como nas outras Repúblicas Americanas, para solucionar numerosos problemas. Num dos casos verificados tratava-se de um cubano alistado no Exército dos Estados Unidos. Achava-se na Irlanda,

quando recebeu uma carta de Havana, de seus pais, informando-o de que iam ser despejados da casa onde moravam, por não poderem pagar os alugueres. O comandante do regimento telefonou ao escritório da Cruz Vermelha, em Londres, indagando se poderiam prestar algum auxílio. O escritório, enviou imediatamente um cabograma a Washington, cujo escritório por sua vez o transmitiu para Havana, onde a Cruz Vermelha adiantou então o dinheiro para aquele pagamento. Poucos dias depois, o soldado recebia comunicação de que tudo estava solucionado. Mas os assuntos relativos às famílias dos com-

Depois de expulsarem os japoneses de Eniwetok, fuzileiros navais americanos administram o plasma a um companheiro ferido. O plasma foi enviado pela Cruz Vermelha

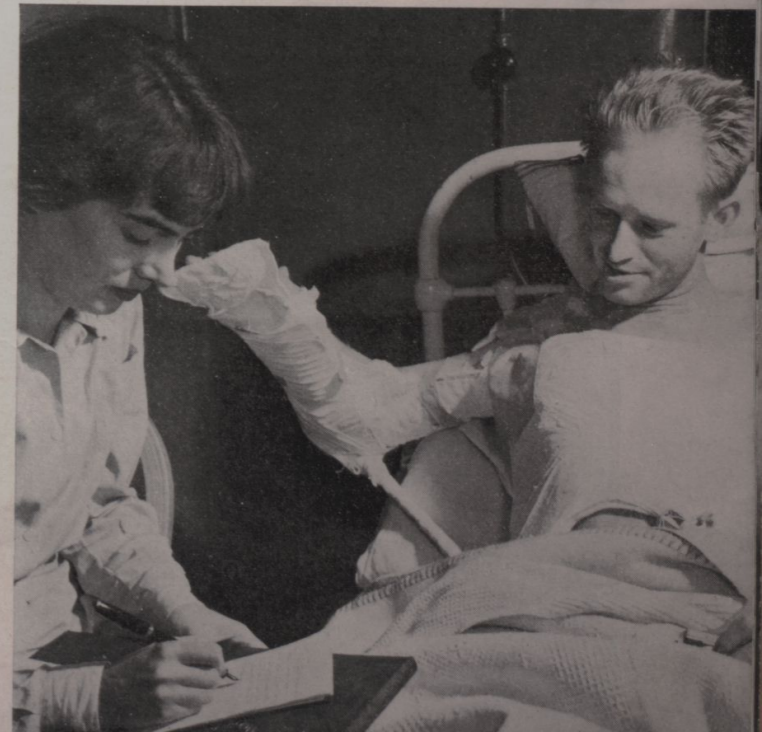


Automóveis, transformados em "clubes ambulantes" pela Cruz Vermelha, per-



correm a retaguarda das linhas de fogo, na França, servindo café e refrescos

Prestando mais um serviço aos combatentes: uma enfermeira da Cruz Vermelha, num hospital de sangue, ajuda um soldado ferido a escrever uma carta para a família



Atravessando o rio Volturno, na Itália, com medicamentos da Cruz Vermelha para os hospitais de sangue, onde as enfermeiras prestam relevantes serviços



Num hospital na África: algumas das enfermeiras dentre as 50.000 que a Cruz Vermelha recrutou para servirem no Exército e na Marinha dos EE. UU.



Num campo de repouso na área do Mediterrâneo, onde a Cruz Vermelha proporciona todo conforto aos soldados americanos que regressam do "front"

Um dos clubes militares organizados pela Cruz Vermelha. Este, na Argélia, é um centro de agradável passatempo, com salas de leitura e diversões



batentes são apenas uma parte do trabalho de pessoal da Cruz Vermelha. Dentre as maiores tarefas a seu cargo destaca-se a de socorrer os feridos nas próprias linhas de combate. Um diretor de campo, que acompanhou as tropas aliadas num dos assaltos e desembarque na Nova Guiné, informou que 160 minutos depois de ter desembarcado o primeiro soldado, chocolate e biscoitos estavam sendo servidos às tropas, durante uma pausa no combate. E' uma inestimável assistência que se observa em todos os pontos onde estão em ação as tropas dos Estados Unidos.

Nos acródomos das áreas de batalha, há sempre cantinas a cargo de empregadas da Cruz Vermelha, que servem café e biscoitos aos aviadores, antes destes partirem, de madrugada, para as suas missões, e depois, quando regressam. Nessas cantinas encontram-se também livros, revistas e jornais que são lidos avidamente pelos combatentes que, assim, se mantêm ao par do que vái pelo resto do mundo.

Um serviço variado

Junto aos soldados que se mantêm na linha de fogo, a Cruz Vermelha presta valiosos serviços, além de atender aos feridos, fornecendo-lhes pequenos objetos de uso diário, pentes, escovas de dente, navalhas, sabão de barba, etc. Durante as batalhas, quando as comunicações com as famílias dos soldados se tornam mais difíceis, um diretor de campo, numa barraca, nas linhas da retaguarda, organiza um pequeno posto de correspondência, onde os soldados que seguem para as linhas de fogo ou que voltam do combate, podem escrever para suas famílias, através das pequenas cartas fotografadas em microfilme.

A Cruz Vermelha também dispõe de vários automóveis, dirigidos por mulheres, transformados em pequenas cantinas ambulantes. Ai, os soldados encontram café, biscoitos, sandwiches, livros e jornais. Há ainda outros automóveis equipados com rádio, fonógrafo e instrumentos de música, para proporcionar aos combatentes ligeiras distrações nas regiões isoladas. Dessa maneira o soldado não perde o contato, tanto quanto possível, com o mundo exterior, graças, assim, à iniciativa da Cruz Vermelha.

O interesse de aliviar a árdua tarefa dos combatentes é, aliás, uma preocupação constante dessa grande instituição. Para os soldados que se encarregam do transporte de abastecimentos, da longínqua costa ocidental para o golfo Pérsico, a Cruz Vermelha organizou um serviço do mesmo gênero, em vagões ligados aos trens que fazem o tráfego da região. Nesses vagões são montadas uma pequena cantina e sala de leitura, que ficam à disposição dos soldados, como valiosos oásis, nos vários pontos de parada do longo percurso.

Em todas as frentes

Aos feridos em combate, a Cruz Vermelha tem dedicado uma atenção especial, nos seus múltiplos e valiosos serviços. Tendo organizado os bancos de sangue, para a produção do plasma destinado aos hospitais nas zonas de batalha, ajuda, nos serviços hospitalares próximo às linhas de fogo e a bordo dos navios hospitalares, a salvar milhares de vidas.

Na Itália, o pessoal da Cruz Vermelha tem sido incansável nos trabalhos de remoção dos feridos nos trens-hospitais, ajudando-os e se encarregando de vários detalhes que interessam a todos, como sejam transmitir notícias às famílias, preparar refeições especiais, e distribuir cigarros, biscoitos e bonbons.

De grande importância são também os centros de repouso mantidos, pela Cruz Vermelha, na Austrália, no sul do Pacífico e na Argélia. Nêles, os combatentes encontram todo o conforto de um verdadeiro clube, com recreações especialmente organizadas, pequenas excursões pelos arredores, e tudo, enfim, quanto possa contribuir para manter o ânimo forte dos soldados que se encontram nas lides da guerra.



Preparando e empacotando gazes e ataduras para os hospitais militares. A gravura mostra esse trabalho sendo feito por auxiliares voluntárias na sede do capítulo da Cruz Vermelha, em Nova York. Mães, esposas e noivas dos combatentes participam dessa tarefa em todos os capítulos da valiosa instituição. Em baixo: uma enfermeira da Cruz Vermelha de Filadélfia atende aos seus deveres na frente italiana



CONCERTOS MUSICAIS PARA TODOS

A ORQUESTRA SINFÔNICA DE BOSTON, UMA DAS MELHORES DO MUNDO, PROPORCIONA A MILHARES DE AFICIONADOS DA MÚSICA AS OBRAS DOS MESTRES



Aspecto de um dos concertos gratuitos, que atraem de 10 a 20 mil pessoas, realizados durante os meses de verão, pela famosa Orquestra Sinfônica de Boston, no magnífico anfiteatro construído às margens do rio Charles

Certa ocasião, nos memoráveis tempos da antiga e romântica Viena, uma orquestra sinfônica, sob a batuta de um hábil diretor, executava com primorosa maestria as melodiosas cadências de uma sinfonia de Beethoven. No extático auditório estava um jovem americano, de 26 anos, Henry Lee Higginson, que deixara seu lugar de guarda-livros em Boston, para ir estudar música em Viena. Maravilhado com o prazer de assistir aquele concerto, o jovem Higginson não pôde reprimir a tristeza que lhe causava o fato de não terem seus patrícios, nos Estados Unidos, um ensejo de ouvir uma orquestra assim, como a de Viena. E, naquele mesmo instante, tomou a decisão de que, se algum dia pudesse dispor dos meios necessários, daria a Boston uma orquestra sinfônica.

Corria então o ano de 1860 e, pouco depois, a guerra civil, em sua pátria, interrompia a carreira musical do ardoroso estudante. Resolveu, pois, regressar aos Estados Unidos, afim de se apresentar, voluntariamente, ao serviço militar. Alistou-se na cavalaria de Massachusetts, chegando ao posto de tenente-coronel. Ferido gravemente em combate, dedicou-se, depois da guerra, aos negócios bancários, associando-se à firma Lee, Higginson & Companhia, de Boston.

A vida absorvente dos negócios, entretanto, não conseguiu abater-lhe o sonho de organizar uma grande orquestra sinfônica em Boston. Passaram-se os anos e o antigo estudante de música prosperou bastante até que, vinte anos depois de sua estada em Viena, julgou-se, finalmente, em condições de realizar a sua velha ambição.

E assim, reuniu os melhores músicos que pôde encontrar e convenceu o jovem compositor e diretor de orquestra inglês, George Hanschel, para vir dirigir a orquestra.

Eis como surgiu a Orquestra Sinfônica de Boston. No dia de sua estréia, em 1831, uma fila enorme de pessoas se postara pacientemente em linha, desde a madrugada, para comprar entradas. E desde esse dia, a orquestra tem deleitado, com suas interpretações magistrais, milhões de entusiastas da música.

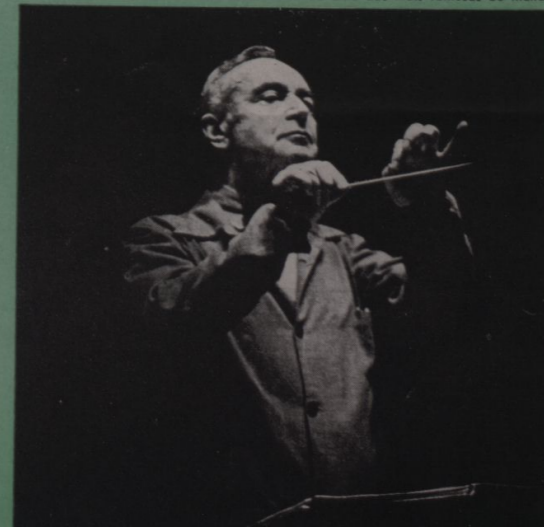
E' atualmente uma das mais famosas do país e, conquanto seus elementos componentes tenham se renovado muitas vezes, continúa a ser, fundamentalmente, a mesma orquestra fundada por Henry Higginson — uma organização musical de primeira ordem, que tem contribuído constantemente para despertar o gosto pela música clássica nos Estados Unidos, ocupando sempre um lugar de honroso destaque no progresso artístico.

Desde sua fundação já teve sete diretores, todos inextinguíveis no seu esforço e interesse de integrar a orquestra na mais expressiva perfeição musical. Sob sua direção, o primoroso conjunto sinfônico de Boston tem grangeado todos os louvores como um verdadeiro símbolo de refinado valor artístico.

Seu diretor atual é o maestro Serge Koussevitzky. Quando chegou a Boston, há vinte anos, trazia consigo a melhor experiência como diretor e organizador de orquestras em Moscou, em São Petersburgo e em Paris. Desde que

(Continúa)

O Dr. Serge Koussevitzky, que, há vinte anos, dirige com grande brilhantismo a Orquestra Sinfônica de Boston, considerada uma das mais famosas do mundo





Nêste vasto anfiteatro, em Tanglewood, situado numa das belas colinas de Berkshire, na região da Nova Inglaterra, a orquestra realiza seis concertos, no verão, para um público de 8.000 pessoas



Única no gênero de concertos de orquestras sinfônicas é a série anual de programas populares realizados pela Sinfônica de Boston. São concertos ao ar livre, em lugares nos quais a assistência tem à sua disposição os serviços de um café e restaurante. Na gravura em baixo vê-se o maestro Arthur Fiedler, o diretor que ideou êsses concertos, de grande popularidade



dirigiu seu primeiro concêrto, tornou-se evidente que a orquestra estava em mãos de um diretor de grande brilhantismo, possuidor de raras qualidades de percepção emotiva.

Durante a temporada de inverno, que vái de outubro a maio, a orquestra dá sessenta concertos no seu magnífico auditório, em Boston, o *Symphony Hall*. Os concertos realizam-se em dias certos: em 24 sextas-feiras e 24 sábados à noite, e em seis segundas-feiras e seis têrças-feiras à noite. O preço das entradas, para a temporada completa, variam de 35 a 100 dólares, mas pode comprar-se entradas para um só concêrto até por 60 centavos.

É tão grande o interesse pelos concertos, que centenas de pessoas esperam em fila, mesmo quando está nevando, para comprar entradas. O auditório tem uma capacidade para 2.630 pessoas, estando reservadas 251 cadeiras para as entradas gerais.

O *Symphony Hall* foi o primeiro grande salão de concertos a ser construído segundo os mais rígidos princípios de acústica. Até então se dependia muito do acaso para conseguir uma boa acústica. Wallace Sabine, professor de física da Universidade de Harvard, contrariando essa tendência, estava convencido de que a estrutura e a forma do local e os materiais empregados na construção tinham muito que ver com as boas condições acústicas. Em 1900, quando o auditório foi construído, as recomendações de Sabine foram seguidas estritamente, e os resultados obtidos demonstraram que êle tinha razão.

Crescente sucesso

Sob a direção de Koussevitzky, a Orquestra Sinfônica de Boston tem se mantido à altura das suas gloriosas tradições e do progresso musical. Em seus concertos têm participado frequentemente notáveis solistas dos países do hemisfério, e a música de compositores latino-americanos tem entrado em seus programas cada vez mais a meudo nas últimas temporadas. O compositor brasileiro Camargo Guarnieri dirigiu a orquestra, no ano passado, na interpretação de sua *Abertura Concertante*.

Desde 1885 a orquestra apresenta, durante os meses de maio, junho e julho, uma série de concertos populares de grande sucesso, tornando-se, por isso, uma verdadeira instituição em Boston. São concertos semanais, realizados à noite, e os programas consistem de música ligeira, uma variação dos programas de inverno.

A popularidade dêsses concertos tem crescido consideravelmente desde 1930, quando começou a dirigi-los o maestro Arthur Fiedler, um dos diretores de orquestra mais jovens dos Estados Unidos. Seu pai, Emmanuel Fiedler, foi violonista da Sinfônica de Boston, na qual ingressou aos 19 anos.

NÃO obstante estarem longe dos campos de batalha, os civis, nos Estados Unidos, também estão empenhados em valiosa atividade na guerra contra o Eixo. Por isso, o governo dos Estados Unidos, reconhecendo como "excepcionalmente meritória" a contribuição de dois esforçados técnicos profissionais, distinguiu-os, recentemente, com a Medalha de Mérito. São eles o engenheiro John C. Garand, inventor do notável fuzil Garand, e o Dr. Albert Hoyt Taylor, reputado físico, inventor do instrumento "radar". O Sr. Garand é engenheiro-chefe da Intendência da Guerra, e o Dr. Taylor é diretor do Laboratório de Física da Marinha. Ambos receberam a expressiva distinção das mãos

A POPULAÇÃO CIVIL

TAMBÉM PRESTA SEUS SERVIÇOS

do Secretário de Estado Cordell Hull, presidente da Comissão da Medalha de Mérito. Durante mais de 16 anos, o engenheiro Garand trabalhou no aperfeiçoamento de um fuzil de calibre .30mm. capaz de fazer cem disparos por minuto, fato que representa, para uma simples carabina, maior potencial de fogo do que o de uma companhia inteira de infantaria, em 1918. "O inventor dessa arma," declara a citação oficial,

"prestou um serviço inestimável à nação e contribuiu conspicuamente para o esforço de guerra." O Dr. Taylor inventou e aperfeiçoou o instrumento "radar", o extraordinário localizador baseado em princípios eletrônicos, usado atualmente nas forças armadas dos Estados Unidos.

É um produto de longos e incansáveis trabalhos de pesquisa e de experimentação. A citação referente à medalha a que fez jus o inventor enaltece "a sua habilidade técnica e extraordinária perseverança, as quais contribuíram, em grande parte, para a oportuna adoção de um instrumento de grande valor científico, proporcionando assim à Marinha dos Estados Unidos uma indiscutível vantagem sobre seus inimigos."

John C. Garand (ao centro), inventor do fuzil que atira 100 projéteis por minuto, e o Dr. Albert White Taylor (à direita), que aperfeiçoou o notável instrumento — radar — baseado em princípios eletrônicos, ao receberem, do Secretário de Estado Cordell Hull, as primeiras medalhas de Mérito Civil, concedidas por "serviços notáveis"



AULAS PELO RÁDIO



Alunos de uma escola pública, nos Estados Unidos, durante uma aula de botânica, examinam espécimes de folhas, seguindo as instruções dadas pelo rádio. Em baixo: alunos mais adiantados fazendo uma pequena experiência científica, também com a ajuda do rádio. A escassez de aparelhos receptores, causada pela guerra, não permite atualmente maior expansão desse sistema complementar de ensino através do rádio

EM sua constante busca de novos métodos de ensino, os educadores do Hemisfério Ocidental estão tendo no rádio um excelente meio de divulgação de conhecimentos úteis nos lares e nas escolas. Devido à circunstância de estarem as fábricas de rádio, atualmente, produzindo exclusivamente para fins militares, não é possível, por enquanto, a expansão desse sistema. Não obstante, com o uso de aparelhos de rádio fabricados antes da guerra, os cursos já se têm intensificado bastante.

Desde 1924 que, no Brasil, estações de rádio vêm demonstrando o grande valor dessa iniciativa, com os seus programas educacionais. Outras nações americanas também têm se valido do rádio como um suplemento, com os melhores resultados, aos seus programas de ensino, irradiados especialmente para as escolas. Nessa categoria encontram-se, além do Brasil, a Argentina, a Bolívia, o Chile, a Costa Rica, Cuba, a Guatemala, o México, a Nicarágua, o Uruguai, a Venezuela e os Estados Unidos (inclusive Porto Rico). A Colômbia, a República Dominicana, o Equador, El Salvador e o Perú têm estações para a transmissão de programas educacionais e culturais destinados a todos os membros da família. São lições de história, geografia, ciência doméstica, higiene, sociologia, fisioterapia, música, literatura e economia política.

Nos Estados Unidos, nos círculos educacionais de quase 40 Estados, estão cogitando de desenvolver os programas de ensino através do rádio, depois da guerra. Os planos incluem a organização de redes difusoras estaduais, com os pro-



gramas recebidos em aparelhos de frequência modulada, nos quais a recepção é consideravelmente melhor do que nos receptores comuns, por causa da eliminação da estática, natural e produzida.

As Juntas de Educação em Chicago, em Nova York, San Francisco e Cleveland, assim como a Universidade de Illinois, já estão operando com esses receptores. Quasi vinte outras cidades já solicitaram a necessária licença para seu uso.

Das estações atualmente em operação, uma das mais importantes é a WBOE, da Junta de Educação de Cleveland, Ohio. Seus programas são irradiados todos os dias úteis, das 8 às 16 horas, organizados especialmente para as escolas. Além de versarem sobre matérias de caráter generalizado e sobre línguas, os programas vão, pouco a pouco, se expandindo, até incluir o estudo de artes manuais, etc. É graças ao controle que a escola tem sobre a emissora, e o uso que pode fazer dos programas—não como uma novidade suplementar, mas como parte integrante do sistema educacional—que os educadores se têm convencido da sua vantagem permanente.

Os programas podem ser repetidos até dez vezes por dia, se preciso, para satisfazer os horários das aulas para as quais são organizados. E as pausas durante a apresentação do programa podem ser tão frequentes e tão longas quanto for necessário para a boa compreensão, pelos alunos, da lição irradiada.

Valiosa iniciativa

A WBOE foi estabelecida em 1938 com uma verba de \$42.000 concedida pela Junta Geral de Educação, cujo objetivo era explorar as possibilidades do rádio como um elemento complementar do ensino. A instrução pelo rádio começou em Cleveland em 1925, quando foram inaugurados os cursos de música, em emissões diárias, de 15 minutos, sendo esse tempo uma contribuição das estações comerciais locais. Quatro anos depois, inaugurou-se o curso de aritmética, enquadrado no próprio curso escolar. Mais tarde começaram outros cursos, de ciência elementar, de geografia e de língua inglesa.

Com a experiência adquirida, desde a criação da WBOE, outras cursos foram iniciados, de grande utilidade prática, como o de estúdios, o de falar no rádio, representar, etc., cujo aproveitamento, pelos alunos, faz jus a notas especiais de classificação. Todas as escolas de Cleveland, secundárias e normais, podem receber os programas da WBOE, sendo que doze escolas secundárias estão equipadas para a produção e emissão de programas.

O plano dos programas para o ano letivo é elaborado com bastante antecedência, pelo Dr. W. B. Levenson, superintendente da WBOE, e pelos diretores escolares e respectivos professores das várias matérias. A preparação de cada programa absorve quasi vinte e oito horas de trabalho de pesquisa, de redação, de revisão e conferências. Os professores recebem, com antecedência, um guia dos programas, nos quais é descrito a natureza da matéria a ser tratada, as inovações no vocabulário e uma indicação de leitura de referência, afim de preparar os professores para as explicações durante a aula. A instrução pela rádio-difusão é limitada a um período de uma semana para cada matéria, afim de facilitar a tarefa do professor. Os alunos não ouvem apenas. A rádio-emissora faz pausas de 5 a 45 segundos, várias vezes durante a aula, para dar ao professor e aos alunos tempo bas-

(Continua)



No estúdio de uma rádio-emissora escolar, vários alunos tomam parte na dramatização da popular história da Carachinha, "Os três ursos," para satisfação de numerosos ouvintes, alunos de escolas públicas



Uma aula prática de enfermagem através do rádio. Os alunos aprendem a fazer ataduras de vários tipos na cabeça de três colegas que se prestam voluntariamente para servir de "vítimas," perante a turma que acompanha, com vivo interesse, todos os detalhes. Em baixo: durante a emissão de um programa educacional para as escolas públicas, no estúdio da WBOE, importante estação na cidade de Cleveland





A emissão de uma história instrutiva por alunos de uma escola de Nova York, pela estação WYNE. Alguns programas são gravados, para serem repetidos

tante para o "esforço cooperativo" na assimilação do tópico tratado. A lição pelo rádio é dada quase sempre simultaneamente com a exibição cinematográfica ou projeção de mapas, ou ainda, acompanhada do exame de espécimes e de explicações desenvolvidas na pedra. A terça parte do tempo dedicado a cada lição é, quase sempre, empregada nesses importantes detalhes.

Nas lições de inglês, pelo rádio, pode ter-se um exemplo da participação dos alunos do curso elementar. Os alunos dividem as palavras em sílabas, marcam as tônicas e as vogais, fazem uma lista de sinônimos e de antônimos, assinalam as raízes e o histórico das palavras, toman nota dos vocábulos mais complicados e combinam várias letras para formar palavras.

Reconhecendo as autoridades escolares, que o rádio não poderá nunca suplantir o professor, recomendam a este a adoção de certas normas complementares, tais como a discussão do assunto irradiado, excursões e visitas que possam esclarecer melhor a matéria, ilustrações especiais, etc. Destinando-se as lições pelo rádio a proporcionar mais um meio de divulgação de conhecimentos e a estimular no aluno maior interesse pelo estudo, as lições de história, por exemplo, são acompanhadas de ilustração gráfica que mostram no mapa a rota dos exploradores. Os alunos marcam, com pequenas bandeiras, seja o percurso feito por Cortez e Balboa e fazem viagens imaginárias a pontos agora tão em destaque nos acontecimentos mundiais.

As lições de matemática são simples e estão ao alcance dos principiantes. Constan de informações práticas de uso diário na vida dos alunos, como o delineamento de canteiros num jar-

dim, fazer troca de dinheiro, ou usar o calendário. São conhecimentos que avivam o interesse. Quanto à arte manual, o fim das lições é despertar no aluno o interesse de construir objetos com as suas próprias mãos, familiarizando-se, assim, com as ferramentas, adquirindo e cultivando a noção do belo. As lições informam sobre o uso de certos materiais, descrevem as predileções de homens famosos que se dedicam à arte manual, em suas horas vagas, e administram conselhos úteis de grande proveito prático.

Múltipla utilidade

Os cuidados que todas as crianças devem ter para evitar acidentes, são também expostos através do rádio, por meio de dramatizações, de episódios e de demonstrações práticas. O uso da lanterna mágica tem se generalizado bastante nas aulas, para melhor percepção dos problemas em estudo.

Nas lições de línguas vivas, pequenas e simples histórias e dramas ligeiros servem para educar o ouvido do estudante e para aumentar o seu vocabulário, esclarecendo também a pronúncia das palavras.

O constante uso de gravações, pelas estações emissoras, aumenta a utilidade dos seus cursos.

Os discursos proferidos pelos estadistas mundiais são gravados, para serem depois usados para proveito das escolas. Visitantes ilustres, em Cleveland, são entrevistados no estúdio, e a gravação das suas declarações constitui mais uma fonte de informações para futuras lições.

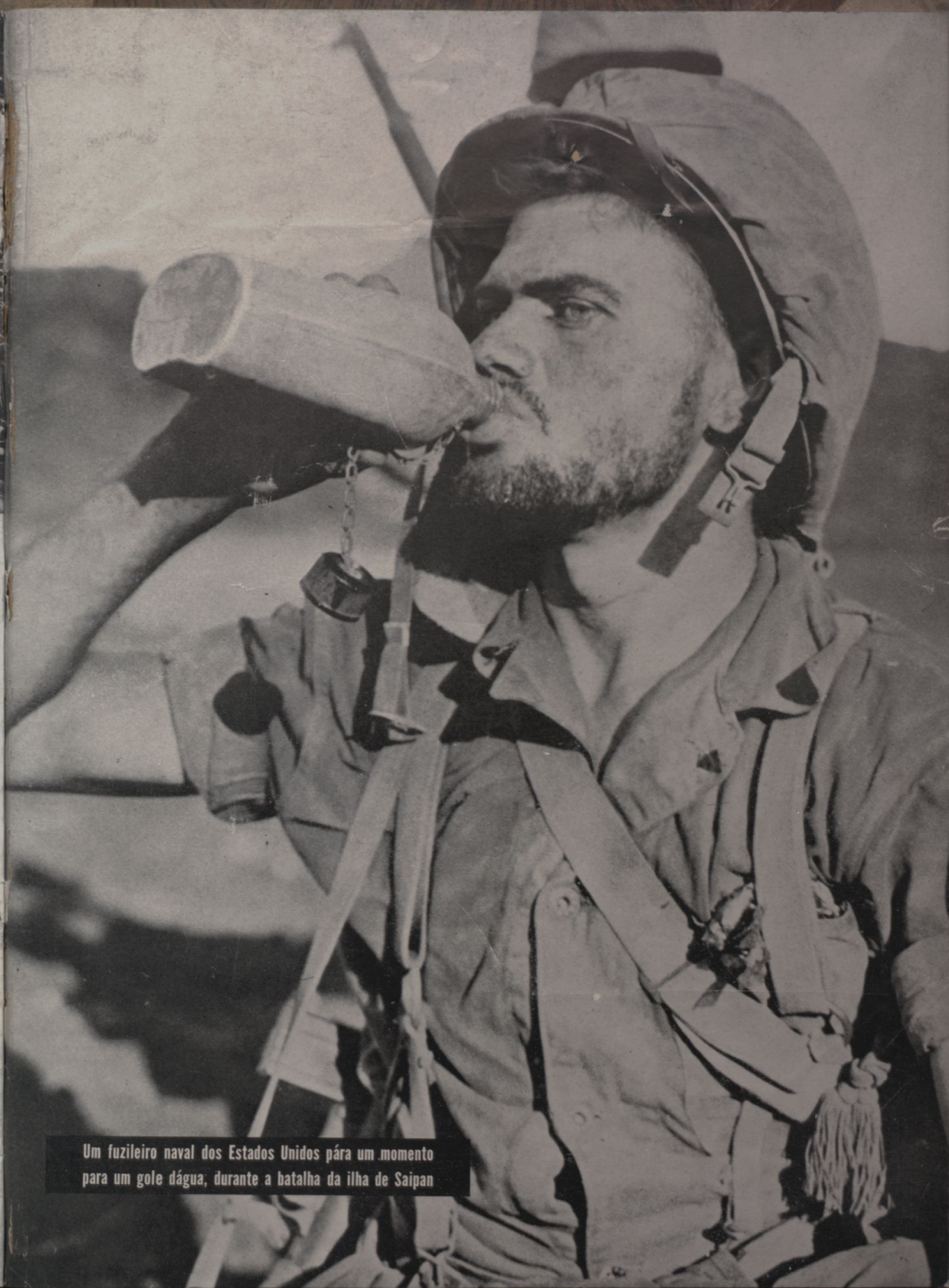
Os trabalhos experimentais realizados no estúdio de uma das escolas normais têm sido de grande utilidade no aperfeiçoamento da lingua-

gem falada. Por meio da gravação da sua própria voz, o aluno aprende melhor e mais rapidamente a corrigir seus defeitos de dicção, tomando maior interesse na enunciação dos vocábulos e na forma do discurso, em geral.

O rádio escolar também tem sido muito valioso no caso de emergência ou de atividades extra-escolares. Quando os professores estavam procedendo ao registro do público para o recionamento, os rádio-boletins irradiados diariamente, explicavam vários detalhes essenciais e respondiam a numerosas perguntas. Durante os exercícios de defesa anti-aérea, as escolas de Cleveland foram transformadas em postos de escuta, facilitando assim comunicações rápidas na área inteira da cidade.

As redes emissoras comerciais locais têm fornecido linhas particulares para uso da WBOE, pondo as estações escolares em condições de se servir do material das quatro maiores redes emissoras do país. Com a cooperação dessas estações, todos os programas comerciais de valor educativo podem ser gravados para as escolas. O sistema radiofônico, tanto da WBOE como das escolas, tem prestado grandes serviços nas atividades bélicas, na venda de bonus de guerra e nos vários programas de coleta de material usado, desde latas de conservas, jornais e revistas, até socata de ferro.

As numerosas inovações introduzidas no rádio durante a guerra terão igualmente imediata aplicação depois da paz, quando, não somente nas escolas, mas também nos lares, o seu uso como meio de divulgação e de ensino se expandirá, despertando crescente e geral interesse pela aquisição de conhecimentos os mais variados.



Um fuzileiro naval dos Estados Unidos pára um momento para um gole d'água; durante a batalha da ilha de Saipan

As fotografias publicadas neste número são da seguinte procedência: capa, Exército americano, contra-capas, Corpo de Infantaria de Marinha, contra-capas anterior e posterior, PA; Páginas interiores: 1, 2, 3 PA; 4, Int., Acme; 5, Harris & Ewing, Pa.; 6, Acme, Int.; 7, PA; 8, Corpo de Sinais, Acme, Int., PA; 9, PA, Exército americano; 10, Acme, PA; Acme; 11, 12, Acme; 13, Int., Harris & Ewing; 14, Harris & Ewing, Acme; 15, Aviação Militar; 16, 17, 18, Alton Fisher, CAI, Acme; 19, CAI; 20, Palmer (de BIG), CAI, Acme; 21, Int., CAI, Acme; 22, Perry Weiner (de Guilleumette); 23, Acme, PA; 24, 25, 26, Sovfoto; 27, Sovfoto, Pa.; 28, 29, By-Line Features, Int.; 30, Int., Cruz Vermelha Americana, Acme; 31, Acme, Cruz Vermelha Americana; 32, Cruz Vermelha Americana; 33, PA; 35, Richard Tucker; 36, PA, David Nilsson; 37, Acme; 38, 39, Bureau de Educação dos Estados Unidos; 40, Charles Phelps Cushing.



O capitão-tenente capelão Francis W. Kelly, da Marinha dos Estados Unidos, celebrando uma missa a bordo de um transporte de guerra, nas águas do Pacífico. Por "sua conduta exemplar e consagração ao dever," durante o memorável assalto contra a ilha de Tarawa, foi ele distinguido com a condecoração da Legião do Mérito

